

AS MORENAS DO PSICODRAMA

Marco J. D. Maida

INSTITUTO *SEDES SAPIENTIAE*

Marco J. D. Maida

AS MORENAS DO PSICODRAMA

(As influências femininas na vida e obra de
J. L. Moreno, delimitando suas fases criativas)

Orientador: José Roberto Wolff

Trabalho apresentado ao Departamento de Psicodrama do Instituto *Sedes Sapientiae*, para obtenção do Título de Psicodramatista, em maio de 2000

"Love is a telic relationship."

(Moreno J. L., 1956: 21).

Dedico este trabalho à

Lindalva de Lourdes Domenici Maida

Uma mulher e tanto!

São Paulo – SP
2000

Sumário

| | |
|---|----|
| Introdução | 7 |
| Momentos criativos | 8 |
| 1.1 – Os diferentes critérios adotados para se chegar a uma divisão da biografia de J. L. Moreno em momentos criativos ou fases criativas. | 8 |
| 1.2 – As diferentes abordagens sobre os momentos criativos de J. L. Moreno | 9 |
| A. Ramón Sarró | 9 |
| B. Camila Salles Gonçalves, José Roberto Wolff, Wilson Castello de Almeida | 11 |
| C. René F. Marineau | 13 |
| D. José Antonio Espina Barrio | 14 |
| 1.3 – Quadro sinóptico dos momentos criativos sugeridos por diferentes autores | 16 |
| As Mulheres..... | 17 |
| 2.1 - O conceito de musa e a importância das mulheres na vida de J. L. Moreno | 17 |
| 2.2 - Contribuições e/ou participações das mulheres no pensamento e vida de J. L. Moreno em diferentes fases de sua vida | 19 |
| A - 1889 a 1916 (do nascimento aos 27 anos de J. L. Moreno) | 19 |
| a. Paulina Iancu - (nascimento: 04/11/1873) | 19 |
| b. Irmãos de J. L. Moreno | 21 |
| c. Pia | 23 |
| d. Elisabeth Bergner (nascimento: aproximadamente 1895) | 24 |
| B - 1917 a 1930 (dos 28 aos 41 anos de J. L. Moreno) | 26 |
| a. Anna Höllering | 26 |
| b. Marianne Lörnitzo (nascimento: aproximadamente 1902 e morte: 1984) | 28 |

| | |
|---|----|
| C - 1931 a 1934 (dos 42 aos 45 anos de J. L. Moreno) | 32 |
| a. Beatrice B. Beecher (nascimento: 1892 e morte: aproximadamente 1930) | 32 |
| b. Helen Hall Jennings | 33 |
| c. Gertrude Franchot Tone (nascimento: aproximadamente 1875 e morte: aproximadamente 1942) | 34 |
| D - 1935 a 1940 (dos 46 aos 51 anos de Moreno) | 36 |
| a. Florence Bridge (nascimento: 1912) | 36 |
| E - 1941 a 1974 (dos 52 aos 85 anos de J. L. Moreno) | 38 |
| a. Celine Zerka Toeman (nascimento: 13 de junho de 1917) | 38 |
| b. Grete Leutz | 42 |
| c. Anne Ancelin-Schützenberger | 43 |
| 2.3 - Obras de autoria ou co-autoria das mulheres que conviveram com J. L. Moreno .. | 44 |
| 2.4 - Quadro sinóptico com as contribuições e/ou participações das mulheres no pensamento e vida de J. L. Moreno | 44 |
| Os novos momentos criativos | 47 |
| Conclusão | 48 |
| Bibliografia consultada | 49 |
| Relação das obras de autoria ou co-autoria das mulheres que conviveram com J. L. Moreno | 51 |

Introdução

Este estudo nasceu em um ímpeto de curiosidade e admiração pela vida e obra de J. L. Moreno. Depois de entrar em contato com o livro de René F. Marineau "Jacob Levy Moreno: Pai do psicodrama, sociometria e psicoterapia de grupo" (São Paulo, Ágora, 1992), fiquei com a certeza de que ampliar o entendimento da sua biografia seria uma tarefa difícil, porém tremendamente prazerosa, pois mergulhar em uma vida plena de realizações pessoais e profissionais como foi a de J. L. Moreno nos dá a chance de, como no cinema, sentir-se um pouco como o protagonista do filme.

Outro ponto de partida para minhas indagações iniciais foi o capítulo "Quatro momentos criativos" do livro Lições de Psicodrama" (São Paulo, Ágora, 1988) de Camila Salles Gonçalves, José Roberto Wolff e Wilson Castello de Almeida. Desde a primeira leitura, intrigou-me a proposta de divisão da vida de J. L. Moreno em momentos criativos. Perguntava: quais os critérios utilizados para esta divisão ?

Foi, então, que criei a hipótese de que uma análise das contribuições das mulheres que conviveram com o pai do

psicodrama, sociometria e psicoterapia de grupo, em suas obras e ações, esboçada na obra de Marineau, e uma revisão bibliográfica dos autores que se aventuraram a dividir a biografia de J. L. Moreno em momentos criativos, forneceriam a resposta para a pergunta que estava me incomodando.

E, ainda, na condição de terceiro anista do curso de formação em psicodrama terapêutico do Instituto "Sedes Sapientiae", em São Paulo, precisava realizar uma monografia para, ao final do curso, obter o título de psicodramatista. Assim, vi a possibilidade de escrever sobre o que acredito ser uma redelimitação dos momentos criativos de J. L. Moreno sob o ponto de vista das relações afetivas que ele manteve durante sua vida.

Finalmente, depois de realizar uma extensa pesquisa bibliográfica e algumas entrevistas com pessoas que conviveram com J. L. Moreno, cheguei a uma nova divisão de sua biografia em momentos criativos, tomando como marcos de referência seus relacionamentos afetivos com figuras femininas.

Momentos criativos

1

1.1 – Os diferentes critérios adotados para se chegar a uma divisão da biografia de J. L. Moreno em momentos criativos ou fases criativas.

Todos os autores, que tive a oportunidade de entrar em contato, parecem concordar em um ponto:

“O termo Psicodrama e o nome Jacob Levy Moreno estão entrelaçados de tal forma¹ que torna-se difícil pensar um sem o outro” (SHAFFER E GALINSKY, 1974).

No entanto, este “entrelaçamento” entre a biografia de J. L. Moreno e a teoria psicodramática foi realizado de diferentes maneiras por pessoas, que de uma forma ou de outra, deixaram impressa sua própria visão de mundo ao fazê-lo.

Temos os mais diferentes critérios de entrelaçamento. Por exemplo, Sarró prefere utilizar o psicodrama e as ações revolucionárias de J. L. Moreno para combater a onipotência dos psicanalistas ainda iludidos com a possibilidade de utilizar a teoria psicanalítica em processos psicoterapêuticos de grupos. Já Barrio, diminui este distanciamento entre o psicodrama e a psicanálise, enfatizando a época na qual J. L. Moreno trabalhou no laboratório de sonhos de Otto Pötzl. Marineau conduz obsessivamente a investigação biográfica de J. L. Moreno e obtém a mais sólida versão de fatos, até então, controversos. Um deles era a própria data de nascimento de J. L. Moreno.

Os contemporâneos de J. L. Moreno deviam ter tamanha fascinação pelo que este gênio da psiquiatria moderna falava, que deixavam-se levar pelas lendas criadas por ele.

Bustos em seu livro “Psicoterapia psicodramática - Acción + palabra” (1975) refere-se à data de nascimento de Moreno como sendo 21 de maio de 1890. Rojas-Bermudez em “¿Qué es el Psicodrama?” (1966) já prefere a versão de que a data foi 19 de maio de 1892. Wilson Castello de Almeida em seu livro “Moreno: encontro existencial com as psicoterapias” (1991) referindo-se à certidão de nascimento de J. L. Moreno em um cartório de registros civis de Bucareste (Romênia) constatado por Gheorge Bratescu (*Group psychotherapy and psychodrama*, Beacon House, 1975, p. 2, volume XXVIII) nos diz que sua data de nascimento foi 5 de maio de 1889.

Mas Marineau desfaz as versões lendárias, afirmando que a data de 20 de maio de 1892 foi escolhida por J. L. Moreno para associar seu nascimento ao ano de 1492, portanto vão-se aí quatrocentos anos, desde quando Cristóvão Colombo (de duvidosa origem judia) abandonou a Espanha, tendo sido financiado pelo povo judeu, para salvá-los da tirania religiosa dos reis católicos. Um terço de seus passageiros eram judeus sefardins. A lenda ainda conta que J.

¹ are so closely tied together , no original em inglês.

L. Moreno teria nascido em um navio, no qual encontrava-se sua mãe, que com apenas dezesseis anos de idade não tinha prática nas questões maternas e, surpresa, deu à luz seu primeiro filho em alto mar à caminho de Constanta, na Romênia.

Para Marineau, J. L. Moreno queria, sustentando esta lenda, legitimar seu nascimento como o início de uma nova era, assim como fez quando apropriou-se do primeiro nome de seu pai (Moreno Nissim Levy), para iniciar, a partir de então, uma nova di-

nastia. Marineau, finalmente, pôs fim aos desentendimentos, provando através da reprodução e tradução da certidão de nascimento de J. L. Moreno, que a verdadeira hora e data do seu nascimento foi às 4 horas da tarde do dia 18 de maio (no novo calendário - 6 de maio no antigo) de 1889.

Veremos, a seguir, alguns dos entrelaçamentos realizados por pessoas, que conviviam ou não, com J. L. Moreno e que tentaram compreender os momentos, fases, movimentos ou etapas da criação do psicodrama.

1.2 – As diferentes abordagens sobre os momentos criativos de J. L. Moreno

A. Ramón Sarró

Ramón Sarró, psicodramatista espanhol, escreveu o prólogo, “Jacobó Moreno: La Era de los Grupos”, da edição espanhola do livro “Introducción al Psicodrama” de Anne Ancelin Schützenberger (Aguilar, Madrid, 1970)², no qual enfatiza sua posição pessoal de anti-psicanalista. Procura argumentos, por vezes esdrúxulos, para reduzir a ciência psicanalítica a zero, quando se trata de trabalhos psicológicos com grupos, e eleva a teoria e técnicas psicodramáticas, como também a biografia de J. L. Moreno, como sendo o que há de mais representativo neste campo de trabalho. Entende a criação do psicodrama e da psicoterapia de grupo como a terceira revolução psiquiátrica, seguindo a primeira, a criação dos manicômios de caridade pelos espanhóis e dos manicômios científicos pelos franceses e a segunda, a criação, por Freud, da psicanálise.

² A edição brasileira do mesmo livro foi publicada com o título “Psicodrama, o Teatro da Vida” (Duas Cidades, São Paulo, 1970) e não contém o referido prólogo. Para a realização deste trabalho, o autor realizou uma tradução livre do mesmo, que pode ser consultada na biblioteca do Instituto “*Sedes Sapientiae*”.

O texto desenrola-se tendo como fio condutor a biografia de J. L. Moreno, com o objetivo de apresentar, à comunidade científica europeia, o método mais aconselhável para trabalhar-se com grupos. Sarró (em 1970) divide a biografia de J. L. Moreno em 5 fases, que não obedecem o tempo cronológico. São elas: fase religiosa, criação do psicodrama, psicoterapia de grupo, sociometria e sociatria.

A fase religiosa é baseada na herança hassídica de J. L. Moreno, incluindo sua aproximação com o pensamento filosófico de Martin Buber (figura mais representativa do renascimento religioso judeu) e Henri Bergson. Sarró chega a afirmar que J. L. Moreno teria representado a “reencarnação do espírito profético e, reiteradamente messiânico, do povo judeu”. As obras citadas como marcos de referência desta fase são os cadernos da revista *Daimon* (1918), alguns breves folhetos e sobretudo a publicação anônima de *As Palavras do Pai*, no qual J. L. Moreno propõe uma nova versão de contato com Deus; uma visão progressista de religiosidade.

Como minha intenção, neste trabalho, não é um aprofundamento de questões

filosóficas, religiosas ou psicológicas, mas sobretudo uma comparação de diferentes leituras da biografia de J. L. Moreno, não serei tão detalhista, como o foi Sarró, na descrição das características do movimento hassídico e na conseqüente interpenetração entre a filosofia religiosa e a concepção psicológica de homem para J. L. Moreno e para o psicodrama como um todo.

A segunda fase, criação do psicodrama, está atrelada ao hassidismo e ao teatro. Sarró nos explica:

“ (...) o diretor religioso hassídico não era um rabino e sim um tsaddik; um homem santo e de virtudes exemplares a quem se tomava como modelo.” (SHÜTZENBERGUER, 1970:20, trad. do autor)

J. L. Moreno, portanto, quando assim comportava-se nos jardins de Viena, não tratava das crianças como médico, pois elas não encontravam-se doentes. Comportava-se, segundo Sarró, como um tsaddik: sua atitude era a de uma alma religiosa que sente-se atraída pela inocência e pela espontaneidade criadora da infância, ainda não subjugadas. A partir dos jogos infantis de improvisação teatral, J. L. Moreno passou a criar experiências de jogos de improvisação com adultos posteriormente transformadas em um método de aproximação dos homens entre si. Assim, J. L. Moreno criou uma forma diferente de encontro entre os homens pautada, essencialmente, pela ação teatral e pela possibilidade de se realizar uma comunicação transformadora. Sarró ainda ressalta o vínculo estreito de J. L. Moreno com o teatro, citando um de seus artigos intitulado “A Essência do Psicodrama”, no qual compara termos e idéias de Unamuno, teatrólogo espanhol, e Pirandello, dramaturgo italiano, com o pensamento de J. L. Moreno.

A terceira, psicoterapia de grupo, não possui uma delimitação cronológica, nem biográfica. Sarró salienta a impossibilidade de se pensar sobre um grupo, utilizando o referencial psicanalítico e reafirma sua posição de psicoterapeuta de grupo atrelado às idéias de J. L. Moreno, comparando-as ao pensamento de gestaltistas (Lewin, Köhler, Wertheimer e Kofka) e ao ideário do psicólogo francês M. Pagès³.

As quarta e quinta fases, sociometria e sociatria, respectivamente, assim como Sarró nos avisa logo no início de seu texto, também não obedecem a uma cronologia. Define, muito discretamente, a sociometria como sendo “o estudo das relações inter-humanas, utilizando questionários, cujos resultados se expressam através de sociogramas (...), uma tentativa de estender o conceito de encontro para a sociedade como um todo” e a sociatria como sendo “a ciência para o tratamento de sistemas sociais” (SHÜTZENBERGUER, 1970:25, trad. do autor).

Vale dizer que Sarró cita a mudança de J. L. Moreno para os EUA como um fator preponderante para seu investimento em psicoterapia de grupo, pois a comunidade científica americana estava sedenta por respostas neste campo. Acredito podermos, diante disto, considerar a emigração de J. L. Moreno para os EUA como um marco referencial entre as fases “criação do psicodrama” e “psicoterapia de grupo”.

Em síntese, Sarró retrata a coerência entre as crenças e as ações de um grande homem, desde quando era apenas um jovem brincalhão até tornar-se um psicoterapeuta de renome internacional.

³ Autor do livro “La vie affective des groupes” (1968) sobre uma nova abordagem psicoterápica para grupos.

B. Camila Salles Gonçalves José Roberto Wolff Wilson Castello de Almeida

Camila, José Roberto e Wilson, em seu livro "Lições de Psicodrama" (Ágora, São Paulo, 1988), abdicam de uma linguagem mais acadêmica para possibilitar a transmissão clara e simples de seus conhecimentos sobre a vida e obra de J. L. Moreno para os iniciantes no estudo do psicodrama. No livro, podem ser encontrados os principais conceitos da teoria psicodramática, roteiros para leitura da obra de J. L. Moreno, uma rica contextualização histórico-cultural do período, no qual J. L. Moreno viveu e uma divisão da sua vida em quatro momentos criativos: religioso e filosófico, teatral e terapêutico, sociológico e grupal e organização e consolidação.

Esta última parte é a que mais nos interessa para a realização deste trabalho. A apresentação dos momentos criativos é esquemática, o que dificulta a realização de um resumo. Prefiro, portanto, transcrever o que se encontra entre as páginas 35 e 39 do referido livro:

Quatro momentos criativos

• *Religioso e Filosófico (até 1920)*

Tema predominante: As filosofias da existência

Criação: O "Seinismo"

Influência recebida:

— Hassidismo - movimento religioso judaico do século XVIII. As idéias filosóficas de Kierkegaard e Bergson.

Atividades:

— Teatro das crianças (1911). Encenações de histórias infantis nos jardins de Viena (1910 a 1914).

— Trabalho com Prostitutas (1913 - 14)

— Assistência a refugiados de guerra (1915 - 17)

Publicações:

— *Poema* que faz a definição literária de "Encontro": "Convite ao Encontro" (1914)

— *Revista: Daimon* (1917 a 1919)

— *Livro: "Das Testament des Vaters" - O Testamento do Pai* - traduzido para o espanhol como: *Las Palabras del Padre* (1920)

O que se pode observar das atividades e idéias de Moreno nesse período são a fé e a crença religiosa, a perplexidade e a dor diante da Primeira Grande Guerra, a necessidade pessoal das relações fraternais, simplicidade, despojamento e a busca de uma relação harmoniosa com Deus. Já falava em espontaneidade e criatividade como elementos de superação da doença.

• *Teatral e Terapêutico (1921 a 1924)*

Tema predominante: O teatro

Criação: O psicodrama (1º de abril de 1921)

Atividades:

— Experiências teatrais

— Teatro da Espontaneidade (1921)

— A observação do caso Bárbara-Jorge

— O teatro terapêutico (1923)

Publicação:

— *Livro: O Teatro da Espontaneidade* (1923)

Nesse período, já com as experiências acumuladas anteriormente, Moreno funda o "Teatro da Espontaneidade" com a intenção de quebrar a "conserva cultural" do teatro da época. Ele conhecia o poder de catarse do teatro, mas discordava do uso de textos decorados e ensaiados. Desejava que as catarses aristotélicas e a ab-reação fossem substituídas por uma forma de expressão onde o ator, naquele momento de ação, tornar-se-ia o próprio autor e criador de sua história, para transformá-la.

Sociológico e Grupal (1925 a 1941)

Emigração para os EUA (1925)

Tema predominante: A preocupação com o social e com a dinâmica de grupos

Criações:

— Psicoterapia de Grupo (1931)

— Sociometria (1932)

Atividades:

— Trabalha com delinquentes jovens na comunidade de Hudson (1932). Constrói em Beacon um teatro terapêutico (1936). Liga-se às universidades de Colúmbia e Nova York.

Publicações:

— *Revistas:* Dirige a *Impromptu* (1931)

— Funda a *Sociometry* (1937)

— *Livro:* *Who shall Survive ?* (1934) Traduzido para o espanhol como: "Fundamentos de la Sociometria"

Moreno vinha da Europa impregnada da fenomenologia, do pensamento existencialista; vinha de uma cultura decepcionada com a guerra, questionando os valores e duvidando da superioridade das ciências para a solução dos problemas humanos. Ele próprio escrevera, diante do morticínio da guerra, que o único resíduo carregado de promessa estaria no "espontâneo-criador".

Despertava-se o interesse pelo pensamento oriental, em particular pelo taoísmo, em seus aspectos dialéticos, propondo a inter-relação como fenômeno profundo de experiência humana e vivência existencial.

Moreno chega em um país absorvido pelas idéias do behaviorismo e de um mal digerido pragmatismo. Ele foi envolvido pela necessidade de medir, que naquele momento era a tendência predominante no estudo das relações humanas expressando-as por dados estatísticos, métodos métricos e operacionais. Era o homem *metrum*. Houve, sem dúvida, um "choque cultural" que

resultou num ato criador: a sociometria dos grupos.

• *Organização e Consolidação (1942 a 1974)*

Tema predominante: Articulação e estruturação das suas idéias como método de psicoterapia válido e aceito pela comunidade científica.

Criação: Socionomia

Atividades:

— Fundação do Moreno Institute (1942)

— Fundação "The American Society of Group Psychotherapy and Psychodrama" (1942)

— Criação do departamento de Psicoterapia de Grupo na Associação Psiquiátrica Americana (1951)

Publicações:

— *Livros:* *Psicodrama* (1946)

— *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama* (1959)

— *Fundamentos do Psicodrama* (1959)

Essa última fase de Moreno caracteriza-se pelo afunilamento progressivo de seus interesses em direção ao trabalho psicoterápico. Passa a preocupar-se também com a formação de um corpo de doutrina, o que faz dentro do título geral de Socionomia.

Nesse período é importante o livro publicado em 1959 sob o título *Psychodrama*, 2º vol. - em português, *Fundamentos do Psicodrama* - onde ele expõe um original plano de debates. Dividido em seis conferências, Moreno abre cada uma delas com a visão que tem sobre cada tema, seu ponto de vista é comentado por autoridade no assunto e em seguida ele faz a tréplica.

Nesses debates surge a oportunidade de Moreno conciliar-se nas suas críticas à Psicanálise, bem como a de fazer a convalidação do método fenomenológico-existencial com o Psicodrama.

C. René F. Marineau

René F. Marineau é Professor de Psicologia da Universidade de Quebec, Canadá e autor do livro "Jacob Levy Moreno 1889-1974 - Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo (São Paulo, Ágora, 1992).

Há uma referência explícita, nesta biografia, extremamente completa diga-se de passagem, sobre uma divisão da vida criativa de J. L. Moreno em etapas. Para descrever o momento, no qual o psicodrama deu seus primeiros passos, Marineau escreveu:

"O psicodrama como técnica terapêutica, não se desenvolveu de forma linear e seus estágios de desenvolvimento foram com frequência inesperados. Na vida de Moreno podemos traçar muitos desses estágios ou "berços". Menciona-se com frequência como o primeiro o que data retroativamente da ocasião em que fez papel de Deus, quando tinha 4 anos, naquilo que chamou de "Psicodrama da queda de Deus".

O segundo berço pode ser relacionado com o seu contato com as crianças nos parques de Viena e a criação do teatro infantil. Um terceiro pode ser visto no uso do que Moreno chamou de axiodrama, quando, por exemplo, desafiou o padre a pregar na rua e confrontou o ator no teatro. Depois, há o primeiro sociodrama na Komödienhaus, quando Moreno convidou diversos grupos a irem ao palco e a reconsiderar seus papéis sociais. Há também o trabalho que Moreno fez com famílias e comunidades, trabalho que chamou de "teatro recíproco". Por fim, há o psicodrama individual que teve lugar em seu consultório, com o homem que desejava cometer suicídio e com quem conseguiu seu primeiro êxito terapêutico." (MARINEAU, Ágora, 1992, p. 76).

Este detalhamento das criações de Moreno começa aos seus 4 anos de idade (1893) e termina no seu primeiro êxito terapêutico, que ocorreu em sua casa, na cidade de Vöslau, no ano de 1920. Portanto, nesta época, J. L. Moreno estava com 31 anos de idade.

Também podemos extrair, desta retrospectiva, a tese de que o psicodrama tem, no seu desenvolvimento, 6 grandes marcos de referência: psicodrama da queda de Deus, criação do teatro infantil, axiodrama, primeiro sociodrama, teatro recíproco e psicodrama individual.

Além desta citação cronológica de eventos, que demonstram, nitidamente, o nascimento do psicodrama, Marineau organizou seu livro em duas grandes partes, tendo como fio condutor o desencadeamento dos fatos cronológicos da vida de J. L. Moreno, de seu nascimento até sua morte. À primeira parte deu o nome de "O processo de aquecimento: vida na Europa" e à segunda, "Dramatização e compartilhamento". No início da segunda parte, Marineau escreve uma introdução, na qual declara notar uma nítida diferença no estilo de vida de J. L. Moreno após sua efetiva emigração para os EUA. Cita a data de 1926 como sendo um marco referencial e chama-nos a atenção para o fato de como J. L. Moreno, na fase de adaptação ao novo continente, teve que lançar mão de seus recursos pessoais, criatividade e perseverança. Elege ainda a data de 1931 como sendo outro marco na vida de J. L. Moreno, quando ele realmente começou a

"(...) tornar-se capaz de compartilhar seu conhecimento e envolvimento no mundo, primeiro apenas com alguns discípulos, em seguida com um grandíssimo número de pessoas" (MARINEAU, 1992, p. 101).

Ficamos, assim, com duas considerações interessantes de Marineau sobre uma divisão da vida criativa de J. L. Moreno em dois momentos: antes e depois de sua emigração.

Além das duas grandes partes, nas quais o livro de Marineau foi dividido, os capítulos também nos dizem algo quanto às fases criativas de J. L. Moreno.

A primeira parte é subdividida em “os ancestrais e a família: o nascimento de um mito; uma criança valente e um adolescente rebelde; o período universitário; Marianne, Bad Vöslau e as primeiras promessas”.

E a segunda, em “emigração para os Estados Unidos: uma viagem tempestuosa; em busca de uma nova musa; a elaboração da psicoterapia de grupo e da sociometria; psicoterapia de grupo e psicodrama; o peregrino; a morte e o legado”.

É nítida a presença de momentos bastante diferentes na vida de J. L. Moreno. Como tratamos, neste trabalho, de uma discussão dos critérios utilizados para delimitar os momentos criativos de J. L. Moreno, as contribuições de Marineau são indispensáveis. Ficamos, portanto, com 5 momentos:

01. *Os ancestrais e a família: o nascimento de um mito e
Uma criança valente e um adolescente rebelde*
02. *O período universitário e
Marianne, Bad Vöslau e as primeiras promessas*
03. *Emigração para os EUA: uma viagem tempestuosa e
Em busca de uma nova musa*
04. *A elaboração da psicoterapia de grupo e da sociometria e
Psicoterapia de grupo e psicodrama*
05. *O peregrino e
A morte e o legado*

D. José Antonio Espina Barrio

José Antonio Espina Barrio é psicodramatista e doutor em medicina, tendo obtido este título defendendo um trabalho sobre Sociometria. Em 1994 presidia a Associação Espanhola de Psicodrama, conforme nos informa Pablo Población Knappe no prólogo do livro de Barrio publicado com o título “Psicodrama. Nacimiento e Desarrollo” (Amarú Ediciones, Salamanca, Espanha, 1995).

Barrio escreveu este livro com a intenção de traduzir o que até então não era acessível aos espanhóis. Suas referências básicas foram o livro de Marineau e a autobiografia de J. L. Moreno.

O livro é dividido, conforme seu próprio título anuncia, em duas partes: o nascimento e o desenvolvimento do psicodrama. A primeira parte, no nosso caso, merece maior atenção, pois trata da vida de J. L. Moreno (o que Barrio chama de contexto biográfico), enquanto a segunda, traz um levantamento moderno dos movimentos psicodramáticos no mundo inteiro, pelo menos por onde J. L. Moreno passou na peregrinação que realizou no fim de sua vida. Também é nesta segunda parte que Barrio escreve ensaios sobre a teoria psicodramática correlacionada com a psicopatologia, a psicoterapia de grupo e a teoria psicodramática propriamente dita. A maior contribuição deste livro, ao meu ver, são os quadros sinópticos, nos quais o autor procura resumir de uma forma extremamente didática dados referentes à biografia de J. L. Moreno (influências - literária, filosófica e religiosa, suas musas, genograma familiar e ações mais importantes), à expansão do psicodrama no mundo, à teoria de psicoterapia de grupo, à terapia familiar e ao psicodrama.

Bem no início do livro, Barrio nos faz pensar, genericamente, em três etapas do desenvolvimento conceitual do psicodrama. A primeira, marcada pela utilização do termo Psicoterapia de Grupo, em primeira mão, por J. L. Moreno, em 1932 durante o Congresso Americano de Psiquiatria na Filadélfia. A segunda, quando J. L. Moreno, durante as décadas de 30 e 40, tornou a sociometria o objeto principal de seus estudos. E delimita a terceira fase à partir da

década de 50 quando ele dedicou-se a expandir o psicodrama. Tomaremos, portanto, estas três referências para as análises futuras, quando procuraremos entrelaçar os dados obtidos em diferentes fontes bibliográficas. Contudo, o que mais vale a pena considerar em Barrio para nosso estudo é a divisão do desenvolvimento do psicodrama e biografia de J. L. Moreno sintetizada no quadro que traduzo livremente e transcrevo abaixo.

Quadro 1: Desenvolvimento do Psicodrama e Biografia de Jacob Levy Moreno

| Anos | Épocas | Lugares | Ações |
|--------------------------------------|---|---|---|
| 1918 | 1. Gestação | Viena | - <i>As Palavras do Pai</i> - <i>O Teatro da Espontaneidade</i> - <i>Nascimento do Psicodrama</i> |
| 1925 | 2. Anos de "aventura" | EUA | - Emigração - Matrimônio por Conveniência - Convalidação do Título |
| 1931 1932 1936 | 3. Crescimento | Nova Iorque Filadélfia Nova Iorque | - Teatro impromptu - Sociometria: Prisão de Sing-Sing e Reformatório de Hudson - Psicoterapia de grupo (APA) - Beacon Hill |
| 1942 1943 1945 1949 | 4. Consolidação | Nova Iorque Washington | - Instituto de Sociometria e Teatro de Psicodrama - Voluntários da Cruz Vermelha em St. Elisabeths Hospital - Associação Americana de Sociometria - Matrimônio com Zerka |
| 1951 1954 1964 1968 1969 | 5. Viagens e expansão por todo o mundo (sua esposa e ele e mais tarde sua viúva desenvolveram congressos em todos os continentes) | Paris Toronto Paris Barcelona Vietnam | - 1º Comitê Internacional de Psicoterapia de Grupo - 1º Congresso Internacional de Psicoterapia de Grupo - 1º Congresso Internacional de Psicodrama - Dr. Honoris Causa - Doutorado de Ouro - Co-fundador da Associação Internacional de Psicoterapia de Grupo (IAGP) |

1.3 – Quadro sinóptico dos momentos criativos sugeridos por diferentes autores

| | Ramón Sarró (1970) | Camila S. Gonçalves José Roberto Wolff Wilson C. De Almeida (1988) | René Marineau (1989) | José A.E.Barrio (1995) |
|--------------------|--|---|--|--|
| Momentos Criativos | <ul style="list-style-type: none"> • Fase religiosa • Criação do Psicodrama • Psicoterapia de grupo • Sociometria • Sociatria | <ul style="list-style-type: none"> • Religioso e filosófico • Teatral e terapêutico • Sociológico e grupal • Organização e consolidação | <ul style="list-style-type: none"> • Antes dos EUA: <ul style="list-style-type: none"> - “Os ancestrais e a família: o nascimento de um mito” e “Uma criança valente e um adolescente rebelde” - “O período universitário” e “Marianne, Bad Vöslau e as primeiras promessas” • Depois dos EUA: <ul style="list-style-type: none"> - “emigração para os Estados Unidos: uma viagem tempestuosa” e “em busca de uma nova musa” - “a elaboração da psicoterapia de grupo e da sociometria” e “psicoterapia de grupo e psicodrama” - “o peregrino” e “a morte e o legado” | <ul style="list-style-type: none"> • Gestação • Anos de aventura • Crescimento • Consolidação • Viagens e expansão por todo o mundo |

As Mulheres

2

2.1 - O conceito de musa e a importância das mulheres na vida de J. L. Moreno

Apenas duas ou três mulheres que conheci durante a minha vida deram à minha busca de “Deus-encenado” um ancoradouro concreto. Sem elas, eu teria fracassado. (*Autobiography, 1985, cap. 7:8, em MARINEAU, 1992: 72*).

Muito das histórias românticas de J. L. Moreno perdeu-se no tempo. Das que ele mesmo nos deixou, algumas são de difícil acesso, pois encontram-se no manuscrito original da sua autobiografia, 1985. No prefácio da autobiografia de J. L. Moreno (organizada e publicada pelo seu filho Jonathan e sua última esposa Zerka em 1989), seu filho nos esclarece a razão de ter omitido algumas dessas histórias:

“... a vida romântica incrivelmente ativa de Moreno é um aspecto mais dominante no manuscrito original do que nesta versão. A maior parte desse material foi aqui cancelada principalmente por limitações de espaço e em parte porque, passando além de certo ponto, pouco acrescenta à mensagem. O que permanece se refere a relacionamentos que foram críticos ao desenvolvimento criativo de Moreno.” (MORENO J. L., 1997:19).

As mulheres que influenciaram e/ou contribuíram direta ou indiretamente na vida e obra de J. L. Moreno são muitas. Neste capítulo, todas as quais tive a oportunidade de

identificar serão relacionadas. Foram e ainda são de importância ímpar para o desenvolvimento e expansão do psicodrama. Dentre elas, como o próprio J. L. Moreno nos diz, duas ou três foram definitivas, suas musas.

A idéia de musa parecia persegui-lo. Aos 30 anos de idade, procurava aflito por uma mulher que acolhesse suas fantásticas e utópicas idéias e que o amasse tanto física como espiritualmente:

“A maioria das mulheres não aceitava o amante carnal junto com o “Deus-encenado”⁴. Para algumas eu era um amante confuso. Para outras, era confuso como “Deus-encenado”. Gradualmente, comecei a perceber que eu não era um caso único. Deve ter havi-

⁴ Na edição argentina do livro de René Marineau, “J. L. Moreno - Su Biografía” (Hormé, Buenos Aires, 1995) há, simplesmente, a palavra “Dios” no lugar da palavra “Deus-encenado” da versão brasileira do mesmo livro. Nas memórias de J. L. Moreno em língua inglesa, encontra-se a palavra “Godplayer”. Daí a tradução para Deus-encenado, pois uma tradução literal “aquele que joga o papel de Deus” talvez ficasse por demais explicativa. Luiz Cuschnir, na tradução da autobiografia de J. L. Moreno, preferiu manter o original “Godplayer”.

do muitos homens antes de mim que tentaram fazer um jogo duplo, que passaram por semelhantes comédias e tragédias amorosas. Ouvei falar de muitos homens excepcionais (embora não pretenda me comparar com eles), que procuravam mulheres que poderiam preencher para eles as duas funções ao mesmo tempo, de amante humana e amante de um "Deus-encenado", dar-lhe filhos como todas as mulheres desejam e ajudá-los a produzir filhos de outra natureza, como pinturas, esculturas, poemas, livros, invenções. E ouve também que o nome dado a tais mulheres era *Musa*, a deusa ou o poder visto como fonte de inspiração para o poeta. Ouvei falar da *Beatriz*, de Dante; da *Princesa de Tasso*, rica e bonita, jovem e infeliz, nascida em Florença e que se sentia feliz em ajudá-lo a escrever aqueles grandes poemas da eternidade. Ouvei falar da *Laura*, de Petrarca, e de muitas outras, geralmente mulheres nobres por nascimento ou por caráter, que estavam talvez, elas também, confusas, desempenhando dois papéis. O "Deus-encenado" faz dois pedidos à sua musa: que faça amor com ele fisicamente e que faça amor com ele espiritualmente. Ela deve ser mulher e deusa numa só pessoa. Descobri, após muitas tentativas e erros, que tais mulheres são raríssimas, mas só estas poderiam preencher-me. Só elas poderiam dar sentido à minha vida. Em outros termos, o "Deus-encenado", para tornar-se real, tem que achar sua musa. De outra forma, torna-se um fracasso." (Autobiography, 1985, cap. 7:8 em MARINEAU, 1992: 69-72 - grifo do autor).

J. L. Moreno nos revela abertamente como via o sexo e o amor divergindo em

sua vida. E preocupado com esta questão continuava argumentando:

"Quanto mais forte era meu desejo de jogar Deus, mais fraco era meu desejo por sexo. Existia, então, uma correlação negativa entre o sexo e Deus. Meu caso era provavelmente, algo mais que pessoal. Parece ser um fenômeno universal. Os que jogam Deus na Bíblia, por exemplo JESUS, que era um grande amante no sentido espiritual, estava pouco interessado em sexo: A história com Maria Madalena fala por si mesma. Quando alguém começa a jogar Deus, perde o desejo natural de cópula. Chega a ser quase impotente, o mistério do celibatário está muito relacionado com isto. Deus (ou os que aspiram ser como Deus) não permite que a carne lhe domine..." (Autobiography, 1989: 84 em BARRIO, 1995: 61).

Quando adolescente, perambulava por Viena estudando e questionando valores religiosos. Até que resolveu seguir seus maiores mestres (Jesus e Sidarta, entre outros), negando o prazer físico:

"Eu era considerado um belo jovem. Um dia uma jovem casada que descobriu que eu estava fora de circulação aproximou-se de mim. "Sabe?", disse ela, "meu marido fica fora, a negócios, uma noite por semana. Você não gostaria de vir passar a noite comigo?". Respondi que não. "Você é casado?", perguntou-me em tom de caçoada. "Sim", respondi, "com uma causa mais nobre". (MORENO J. L., 1997:40).

Já adulto, quando assumiu a secretaria de saúde e a diretoria do departamento médico de uma fábrica têxtil, na qual trabalhavam de 1000 a 2000 pessoas na cidade de Vöslau, aproximou-se ainda mais da vivência divina, como ele mesmo nos conta:

“Quando fui para Vöslau, tornei-me de novo um celibatário. O Godplayer estava novamente em ascendência. A intensa sexualidade que eu tinha sentido durante a guerra foi deixada para trás. Todas as adoráveis e delicadas jovens com as quais tinha me relacionado nunca tinham entrado verdadeiramente em minha complicada vida amorosa. Não tinham tocado minha vida como um “Godplayer”. Eu já tinha atravessado períodos de intensa atividade sexual seguidos por períodos de celibato. Mas o que eu de fato desejava era uma mulher que aceitasse minhas fantásticas idéias de utopia, uma que me amasse tanto física como espiritualmente, uma Musa...” (MORENO J. L., 1997:103).

E, realmente, suas atitudes como médico da cidade (não cobrava as consultas, não exibia seu nome em placas ou receituários, visitava os pacientes em suas casas, entre outras) o transformaram em uma espécie de ídolo, como um santo milagreiro. Seu nome e fama chega-

ram a várias cidades próximas de Viena de onde muitas pessoas vinham para consultar-se com o médico milagreiro, ou como era conhecido na época, *wunderdokter*⁵.

Já nos EUA, portanto em plena maturidade, J. L. Moreno também é descrito por um de seus alunos (Lewis Yablonsky) como um homem diferente:

“Un tema de Moreno es que él es un hombre santo, en el sentido de que es un hombre completo u “holista”⁶. Todo su trabajo y todas sus relaciones personales y familiares son parte de su sistema.” (GREENBERG, 1977: 32).

Na época em que Yablonsky escreveu este artigo, J. L. Moreno estava separando-se de Florence, sua segunda esposa, para casar-se com Zerka, sua terceira esposa e grande musa. Fato este que nos mostra sua superação desta dissociação entre fases de abstinência sexual e sua vocação para o bem e a cura. Mas até chegar a esta fase, muitas mulheres cruzaram seu caminho como veremos no próximo capítulo.

2.2 - Contribuições e/ou participações das mulheres no pensamento e vida de J. L. Moreno em diferentes fases de sua vida

A - 1889 a 1916 (do nascimento aos 27 anos de J. L. Moreno)

a. Paulina lancu - (nascimento: 04/11/1873)

Paulina lancu, mãe de J. L. Moreno, trocou várias vezes de nome por ocasião das perseguições aos judeus no final do século passado. Casou-se aos 14 anos de idade com Moreno Nissin Levy de 32 anos por escolha de seu irmão mais velho. Coursou um colégio francês de domínio católico, o que a influenciou na escolha dos nomes dos filhos, assim como nos apelidos que utili-

zava para chamá-los. Abandonou o colégio para casar-se, mas não deixou sua

⁵ *Wunderdokter* também pode significar curandeiro ou charlatão, em alemão. Essa palavra parece ter muito a ver com a insistência de J. L. Moreno em manter anônimas suas publicações e título (de médico) ainda nesta época. Acredito que tanto seus amigos quanto inimigos deveriam chamá-lo desta forma, pois a palavra pode ser usada tanto positiva (curandeiro) como negativamente (charlatão).

⁶ “En inglés, **holy** (santo) **whole** (completo), **holistic** (derivado de **whole**) “holista” o totalista, quien destaca la relación funcional entre las partes y el todo, considerando que éste es el factor determinante. (NT.)”. Esta nota de rodapé pertence à própria citação: (GREENBERG, 1977: 32).

admiração por Jesus Cristo, homem que inspiraria J. L. Moreno mais tarde.

Paulina era muito supersticiosa. Brincava de adivinhar o futuro através do café deixado no fundo das xícaras, folhas de chá, quiromancia e cartas de tarô. Aos doze meses de idade, J. L. Moreno teve raquitismo e Paulina levou-o para consultar-se com uma cigana. Ela orientou Paulina a colocar seu filho sobre a areia no sol, pois o sol o curaria. A cigana ainda acrescentou que o menino seria um grande homem e que pessoas de todo o mundo iriam viajar para vê-lo. Depois dessa consulta, Paulina estava segura de que Deus tinha lhe conferido a missão de curá-lo e prepará-lo para uma vida brilhante.

Por volta dos quatro anos de idade, J. L. Moreno, incentivado por seus pais, brincava freqüentemente de ser Deus. Em uma das tardes que brincava com seus colegas-anjos, caiu de cima de algumas mesas empilhadas, o céu, e quebrou seu braço direito. Este trauma não o fez abandonar a idéia de ser Deus como poderíamos supor. Ao contrário, Paulina levou-o novamente àquela cigana que reafirmou a profecia. E, realmente, durante toda sua vida J. L. Moreno fez da vontade de ser Deus o eixo central de tudo o que viria a criar. Seja em atividades lúdicas com crianças, ou de assistência social com prostitutas e refugiados de guerra, ou ainda em atividades cotidianas, quando fundou a religião do encontro, J. L. Moreno queria ser Deus e descobriu, após entrar em contato com a teoria de Bergson que poderia sê-lo assim como todos os seres humanos o são. Expressão máxima dessa sua crença é, como veremos adiante, a edição do livro *O Testamento do Pai* mais conhecido como *As palavras do Pai*.

Marineau analisa, em seu livro, a relação existente entre o endeusamento da figura paterna de J. L. Moreno com sua necessidade de ser Deus. Defende a idéia de

que a apropriação do primeiro nome do pai como seu sobrenome foi uma tentativa de criar, como Deus, uma nova dinastia.

Apesar de razoável, prefiro acreditar mais na força dramática do destino traçado pela crença de Paulina de que seu filho seria uma pessoa especial e na transmissão deste destino para o jovem Jaques, como ela o chamava, criando assim, o roteiro norteador da vida de J. L. Moreno.

Embora Paulina desse apoio para seu filho mais velho ser uma pessoa especial (dava atenção especial ao filho que, constantemente isolado, escolhia brinquedos simbólicos e construía universos de farinha), quando por volta de seus 20 anos de idade ele entrou na universidade e perambulava de barbas compridas e um casaco verde pelos parques de Viena, Paulina teve com o melhor amigo de J. L. Moreno, Chaim Kellmer, e disse que não queria que seu filho fosse tão excêntrico.

No entanto, Paulina já não exercia mais uma influência positiva sobre seu filho. A separação de seus pais significou para J. L. Moreno um fracasso do sistema em que vivia.⁷ Rebelou-se contra tudo o que estava estabelecido e afastou-se da família. Através de várias leituras, principalmente Nietzsche, e de atividades pouco normais para a sociedade da época (sair nu na rua, entre outras), tentou entender qual era sua missão no mundo. Talvez até mesmo para testar se era mesmo tão especial como se

⁷ Barrio analisa mais profundamente as consequências da separação dos pais de J. L. Moreno. Vejamos o que ele diz: " (...) O próprio MORENO teve uma relação pouco tradicional com MARIANNE LÖRLITZO, pois conviveu com ela sem casar-se. Depois de abandoná-la e emigrar para os Estados Unidos, casou-se três vezes, a primeira por conveniência, para obter a nacionalidade americana; mas as outras duas foram por amor. É inquestionável que a separação de seus pais, quando ele era um adolescente, influiu sobremaneira em sua vida." (BARRIO, 1995:25, trad. do autor).

achava. E, após uma noite de luar em que procurava respostas andando pelas ruas de Chemnitz, parado em frente a uma estátua de Jesus Cristo, concluiu:

“Minha resolução implicava em que todos os homens e mulheres fossem meus irmãos e irmãs, todas as mães e pais fossem minhas mães e meus pais, todas as crianças - quaisquer que fossem seus pais - fossem meus filhos, que todas as mulheres fossem minhas esposas, todas as propriedades pelo mundo afora fossem minha propriedade e, inversamente, toda propriedade minha fosse propriedade do mundo. A pequena estátua diante de mim assinalava que Jesus tinha tomado o caminho do Universo e aceito todas as conseqüências que isto envolvia. Significava para mim um objetivo que me impulsionaria e que, daí por diante, todas as minhas ações, decisões e encontros teriam que ser pautados em conformidade com esta visão de vida. Minha mãe, meu pai, minhas irmãs, meus irmãos, meus parentes, meus amigos nunca poderiam entender isso, mas eu seguiria meu caminho e ninguém seria capaz de me afastar dele.” (Autobiography, 1985, cap. I: 1-3, em MARINEAU, 1992: 37).

Vejo esta noite na vida de J. L. Moreno como se fosse uma das milhares de sessões de psicodrama que ele dirigiu e que, ainda hoje, propicia às pessoas o contato com seu próprio drama.

J. L. Moreno entendeu e aceitou o seu e, a partir de então, nunca mais foi o mesmo, identificando-se com Jesus, homem que sua mãe mais admirava.

b. Irmãos de J. L. Moreno

O que sabemos sobre a relação de J. L. Moreno com todos os seus irmãos é pouco,

mas há peculiaridades. Por exemplo, ainda criança, o pequeno Jacques não respondia quando seus irmãos o chamavam pelo nome. Ele dizia que preferia ser chamado de “você” simplesmente. Temos aqui o início do que, mais tarde J. L. Moreno chamaria de anonimato, uma filosofia de horizontalidade das relações; todos são iguais, sem nome, irmãos, seres humanos.

O maior motivo para incluí-los neste trabalho é o fato de o próprio J. L. Moreno considerar William seu “muso”⁸ inspirador. Mas pode um homem ser um muso? J. L. Moreno nos responde:

“Não há dúvida, um homem pode. No entanto, não é a versão popular de musa. Pode-se pensar que Aarão foi um muso para Moisés, ou Platão um muso para Sócrates. Na minha vida, foi meu irmão, William.” (MORENO J. D., 1989, Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry, Vol. 42, Nº2: 104, trad. do autor).

Sabemos que William era o único irmão que brincava de construir universos de massa de farinha com J. L. Moreno em sua infância. Essa união durou até o final de suas vidas.

Na Viena de 1922, William alugou um teatro para J. L. Moreno encontrar-se com seu grupo de teatro espontâneo; a famosa casa número 2 da Maysedergasse; nasce a técnica do jornal-vivo e J. L. Moreno desenvolve seu papel de diretor de teatro.

Quando J. L. Moreno chegou aos EUA, em 1925, William já o aguardava. Viajou para realizar um negócio no ramo têxtil de Nova York e acabou tendo sua própria empresa. Ganhou muito dinheiro e pensou em

⁸ Na língua inglesa a palavra “muse” pode ser utilizada tanto no masculino quanto no feminino. Não havendo o masculino da palavra musa na língua portuguesa, permito-me utilizar “muso”.

investi-lo em uma editora junto com J. L. Moreno. Seu projeto era desligar-se da empresa, caso a editora lograsse êxito financeiro, mas J. L. Moreno recorda que nunca fez dinheiro com suas publicações⁹.

Certa ocasião J. L. Moreno foi notificado sobre um depósito anônimo em sua conta bancária de US\$ 10.000. Ao questionar o funcionário do banco sobre o depositante, descobriu que William fora o benfeitor. Em 1942, William doou fundos para o teatro de psicodrama de Nova York assim como havia feito em Viena.

Mesmo J. L. Moreno dizendo que seu irmão era para ele como um muso, não há referências explícitas de alguma contribuição que tenha um teor mais especificamente teórico ou ideológico a não ser o completo apoio de William às idéias do irmão. Guardadas as devidas proporções, William foi para J. L. Moreno assim como Theo foi para Vincent Van Gogh. Theo e William, neste caso, possuíam tino comercial e sentiam-se realizados financiando as “loucuras” dos irmãos Vincent e Jacob, respectivamente. Portanto, a meu ver, a relação entre os dois caracterizava-se mais como sendo um tipo de tutela do que uma fonte de inspiração. O fato de J. L. Moreno, em suas memórias, associar a figura do irmão com a do tio materno, que ajudava a família enquanto seu pai viajava pelo mundo, também contribui para a tese de uma relação de tutela.

Marineau analisa a relação entre William e J. L. Moreno, garantindo que havia um sentimento ambíguo de J. L. Moreno em direção à William. Para Marineau, o fato de William tutelar o irmão assim como

seu tio materno fazia na sua infância, gerava, ao mesmo tempo, gratidão pela ajuda e um incômodo em relação às intromissões que esse tutor sentia-se no direito de fazer, principalmente, em relação ao domínio do tio sobre sua mãe. Em outras palavras, J. L. Moreno transferiria para William a gratidão e ódio sentidos pelo tio em sua infância.

Como sinal de gratidão, J. L. Moreno dedicou a primeira edição do primeiro volume do livro *Psicodrama* ao irmão. Escreveu:

“Dedicado a meu irmão William L. Moreno, patrono do primeiro teatro terapêutico em Viena, 1922, e fundador do teatro de Nova York para psicodrama, 1942”. (MARINEAU, 1992: 190).

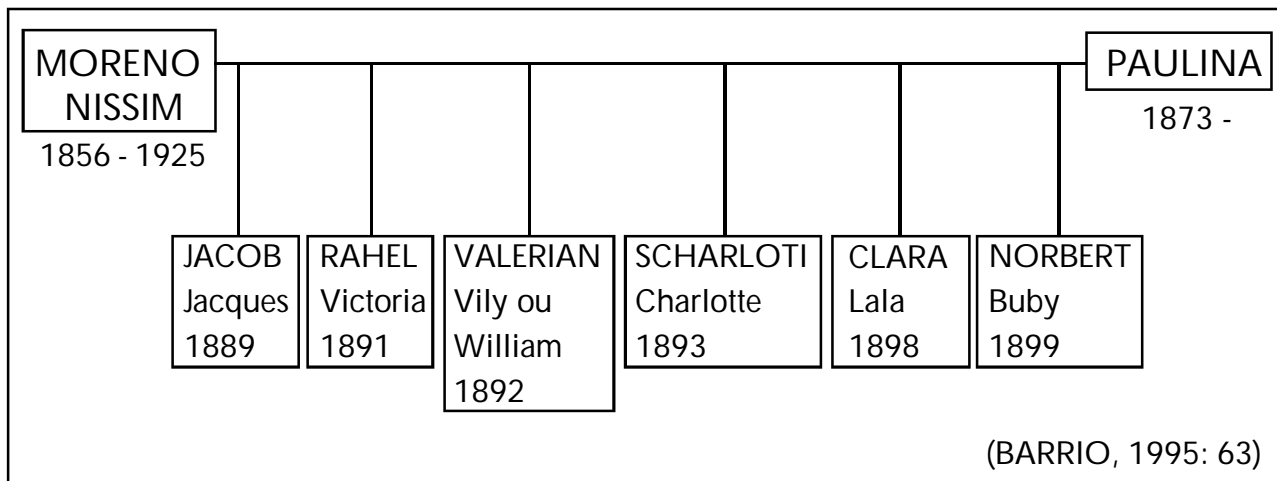
Joseph Moreno, filho de William, é psicodramatista, musicoterapeuta e dá aulas na Maryville University em Saint Louis, EUA. A título de ilustração, vale dizer que na 55ª Reunião Anual da Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama (1997) tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente e participar de um *workshop* coordenado por ele e Zerka intitulado Música, Psicodrama e o Holocausto. Assim como o tio, Joseph parece não ter medo de lutar pelo que acredita. Dirigiu um teatro espontâneo histriônico, no qual judeus sob ameaça de morte, tinham que criar composições ou cantar para divertir os alemães. Os participantes, catarticamente, chegaram à conclusão de que todo esforço para nunca mais deixar que algo do tipo aconteça ainda é pouco. Joseph escreveu “*Psicodramas musicais: uma nova direção em musicoterapia* (Journal of Music Therapy, Vol. 17(1), pp. 34-42, 1980).

Marineau conseguiu algumas informações sobre as irmãs e o último irmão de J. L. Moreno. Prefiro não incluir detalhes biográficos que não tenham efeito para este

⁹ Com excessão dos “royalties” que recebera da Academia Soviética de Ciência pela tradução para o russo de “Sociometry, Experimental Methods and the Science of Society” em 1959.

trabalho, entretanto, reproduzo, abaixo, o genograma da família de origem de J. L. Moreno, extraído do livro de Barrio, a fim

de, simplesmente, tornar clara a ordem de seus nascimentos:



c. Pia

Em uma viagem longa por toda a Itália, aproximadamente em 1905, acompanhado por um de seus tios maternos, J. L. Moreno conheceu Pia. Já havia mantido relações sexuais com outras mulheres, mas como nos diz Marineau:

“Pia foi a primeira a tornar-se sua “musa”, substituindo a mãe como a pessoa que o motivaria a ir além de si mesmo.” (MARINEAU, 1992: 34).

J. L. Moreno nos conta como foi sua aventura de adolescente:

“Eu encontrei Pia ao mesmo tempo em que conheci as estátuas e outras grandes formas de arte em Firenze¹⁰ no saguão do hotel. Nós mantínhamos contato com o pretexto de que ela estava me ensinando italiano. Ela era uma linda garota de aproximadamente 15 anos de idade.

¹⁰ Firenze é a denominação italiana para esta cidade; palavra derivada de “fiori”. A mesma cidade também é conhecida por Florença.

Nossa relação foi completamente inocente. Ela era uma garota extremamente virtuosa. Eu não pensava nem em beijar suas mãos.

Mas Pia fez algo completamente anti-italiano e impróprio, especialmente para aquela época. Ela costumava sair de mansinho de sua casa toda noite para ver-me no hotel. Ela às vezes ficava amedrontada que seu pai descobrisse, mas não me recordo dele ter desconfiado.

Meu tio estava ansioso para continuar indo, indo, indo. Ele não entendia a razão pela qual eu estava tão encantado com Firenze. Eu a achei a cidade mais bonita do mundo e Pia a garota mais bonita do mundo. Nós tivemos um maravilhoso e caloroso sentimento um pelo outro.” (MORENO, J. D., 1989, Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry, Vol. 42, Nº1: 26, trad. do autor).

Marineau, diz ainda que, durante os dias em que J. L. Moreno ficou hospedado pelos subúrbios de Florença seu coração batia mais forte e que ele voltou deprimido a Vi-

ena por ter-se separado de Pia. Também resalta o valor estético dessa aventura em Florença e completa sua inferência, dizendo:

“Mais tarde, nos Estados Unidos, iria desposar uma “Florença” na pessoa de Florence Bridge.” (MARINEAU, 1992: 183).

Vale a pena inserir Pia neste estudo, pois é neste momento que J. L. Moreno inicia seu desligamento da figura materna, preparando-se para vincular-se de corpo e alma a alguma mulher, para dar início a uma atividade mais incisiva e concreta no mundo que o cercava.

d. Elisabeth Bergner (nascimento: aproximadamente 1895)

Graças às memórias, que a conceitua da atriz de teatro e cinema alemães Elisabeth Bergner escrevera, J. L. Moreno teve seu nome em alguma publicação que o reconhecesse como uma pessoa que lidava com teatro na Viena da década de 20. Jonathan D. Moreno, na introdução da autobiografia de seu pai, destaca um trecho destas memórias:

“Há alguns anos, em sua autobiografia, Elisabeth Bergner, talvez a maior atriz do palco e dos filmes alemães, lembrou seu professor particular da infância, um moço que a introduzira no jogo espontâneo e lhe dera vida como artista. Ela era fascinada pela sua barba. “Naqueles dias, somente homens muito velhos usavam barba. Meu pai tinha bigode. Moreno usava uma barba como Cristo, como percebi mais tarde. Ele era alto e magro, tinha lindos olhos azuis dominadores que sempre sorriam e cabelos escuros. Acho que era maravilhosamente bonito. Ainda acho isso agora. O mais fascinante era seu sorriso. Era uma mistura de caçoa-

da e bondade. Era amoroso e divertido. Era indescritível”. (MORENO J. L., 1997: 16).

Depois de uma tentativa em Berlim, os Moreno voltaram a Viena, e encontravam-se com dificuldades financeiras. Paulina, a mãe de J. L. Moreno, devia ao Sr. Bergner e não tinha recursos para pagá-lo. Foi então que o casal Bergner sugeriu que J. L. Moreno fosse professor particular de seus três filhos como forma de pagamento da dívida. O então estudante de medicina, que acabara de fundar a religião do encontro, aproveitou a oportunidade para fazer o que seu maior ídolo fizera. Dedicou-se às crianças.

Dentre os três filhos dos Bergner, uma das garotas sobressaiu-se por mostrar-se extremamente inadequada socialmente; inventava mentiras sobre sua mãe e as contava para seu pai e estava a ponto de ser expulsa da escola por mau comportamento.

Elisabeth, era Liesel, e tinha 10 anos de idade quando ficou fascinada pelo seu novo professor.

J. L. Moreno, além de conduzi-la aos inóspitos caminhos da fantasia quotidianamente, também a levava às grandes campinas no final da alameda principal, onde lia poemas desconhecidos e violentos. Apresentava à pequena e mentirosa Liesel a possibilidade de transitar entre fantasia e realidade com liberdade de expressão. O casal Bergner começou a aceitar, cada vez mais, a criatividade de sua filha bagunceira.

É difícil resistir à tentação de transcrever parte da autobiografia de J. L. Moreno, na qual ele cita um trecho da obra *Elisabeth Bergner*, publicada pelo biógrafo Arthur Eloesser em Berlim no ano de 1927. Neste livro, é possível encontrar referências às aulas que os três filhos do Sr. Bergner, humilde alfaiate, tiveram com um jovem estudante de medicina apaixonado pelas artes e brinca-

deiras de praças. Vale a pena transcrever ao menos um pequeno trecho da citação do referido livro a fim de podermos observar como, naquela época, J. L. Moreno estimulava o poder criativo das crianças:

“O professor fazia-as encherem as bochechas de ar e assegurava-lhes entusiasticamente como era delicioso o gosto do pedaço de chocolate imaginário. Ou, quando brincavam nos parques da cidade, deixavam suas bolas e depois jogavam pedaços de ar com as mãos vazias.” (MORENO J. L., 1997: 46).

Naquela altura, a recomendação de J. L. Moreno para que Liesel começasse uma aprendizagem em teatro foi aceita pelos Bergner que, agindo desta forma, deram início ao processo que conduziria a pequena Liesel aos píncaros da fama. Mas sem antes passar pelo grupo de teatro infantil que J. L. Moreno montara em uma sala emprestada no mesmo prédio onde Trotsky fazia suas reuniões. Em sua primeira aparição no palco Elisabeth Bergner tinha doze anos de idade. Montou, nesta época, peças como *Assim Falava Zaratustra* e *O Doente Imaginário*. Liesel começou a comportar-se adequadamente na escola e parou de inventar mentiras em casa.

Já adulta, por intermédio de seu marido, Paul Czinner conheceu Freud. Sabe-se também que foi paciente de Alfred Adler. Marineau nos conta como ela elaborou suas impressões a respeito destas personalidades vienenses com as quais conviveu:

“Comparando Moreno a Freud, elogia o primeiro por lhe dar a oportunidade de desenvolver a criatividade e o segundo, por deixar sua cabeça em ordem. Era também relacionada com Alfred Adler, que foi por algum tempo seu terapeuta, mas não gostava nem um pouco dele.” (MARINEAU, 1992: 49).

Graças à pequena Liesel, J. L. Moreno começou, sem dar-se conta, a aplicar o que viria a ser, no futuro, uma metodologia de tratamento psicológico cientificamente aceita em todo o mundo. Na época, sem a preocupação de sistematizar sua experiência, até mesmo por falta de subsídios teóricos, começava a por em prática suas “brincadeiras teatrais” como forma de alegrar a si mesmo e aos outros. Ousaria mesmo dizer que poderíamos pensar no caso Liesel como seu primeiro tratamento da espontaneidade, sem metodologia, sem formação científica, mas com muita intuição. Ingrediente que poder-se-á encontrar em todo seu trabalho posterior.

Em sua autobiografia, J. L. Moreno nos conta o que teria significado aquele tempo para sua filosofia de vida:

“Quando entrava numa família, numa escola, numa igreja, num edifício do Parlamento, ou em qualquer outra instituição social, eu me rebelava. Sabia quão distorcidas nossas instituições tinham se tornado, mas tinha um modelo pronto para substituir os velhos: o modelo da espontaneidade e da criatividade, aprendido com a proximidade que tive com as crianças¹¹. (Autobiography, 1985, cap. 2:34 em MARINEAU, 1992: 52).

Quando J. L. Moreno fundou o Teatro da Espontaneidade, em Viena, no início dos anos 20, ainda era amigo e contava com a participação de Elisabeth Bergner em algumas sessões.

¹¹ A parte final desta citação, “(...) o modelo da espontaneidade e da criatividade (...)”, foi suprimida na edição da autobiografia de J. L. Moreno publicada por J. D. e Zerka Moreno, em 1989, traduzida para a Língua Portuguesa, em 1997 (pág. 52).

B - 1917 a 1930 (dos 28 aos 41 anos de J. L. Moreno)

a. Anna Höllering

Anna Höllering era uma das amigas atrizes com quem J. L. Moreno se encontrava nos cafés de Viena enquanto morava em Vöslau.

Em 1922, depois de mais de um ano de procura, J. L. Moreno e seus amigos encontraram um local ideal para sediar um "Teatro da Espontaneidade". Ficava no topo de um prédio comercial (Maysedergasse, número 2)¹² perto da Ópera de Viena.

Entre os psicodramatistas ela é conhecida como Bárbara. Até hoje, desconhecemos a razão deste nome fictício arranjado na época por J. L. Moreno. Talvez tenha escolhido para protegê-la. Continuarei, portanto, a usar Bárbara para referir-me à Anna.

Foi através do trabalho teatral que realizou com Bárbara, que J. L. Moreno percebeu respostas terapêuticas a encenações improvisadas.

Não cabe, aqui, um relato minucioso do caso, mas devo ressaltar alguns pontos para que o leitor leigo conheça o momento em que nasceu a idéia do teatro terapêutico.

Bárbara fazia parte do grupo original do Teatro da Espontaneidade e atuava frequentemente sob a direção de J. L. Moreno. Seus personagens eram sempre românticos, ingênuos e doces. Um poeta, autor teatral e amigo de J. L. Moreno chamado Georg Kulka (conhecido entre os psicodramatistas como George) assistia a todas as apresentações de Bárbara na primeira fileira do teatro. Apaixonaram-se e casaram-se. Algum tempo depois, George

veio ter com J. L. Moreno sobre a insuportável decepção de encontrar em casa uma mulher completamente diferente daquela que conhecera no teatro. De posse desta informação, J. L. Moreno, daquele dia em diante, pediu a Bárbara que representasse personagens com traços hostis no palco do teatro. Em pouco tempo, George veio agradecer a J. L. Moreno pela mudança proporcionada, pois o casal já não mais se desgastava com brigas; ao contrário, riam cada vez que Bárbara começava com comportamentos hostis, pois lembravam-se das personagens do teatro.

J. L. Moreno analisou todo o processo de mudanças para o casal e propôs que os dois comesçassem a atuar juntos no palco. Durante meses, foram a maior atração do Teatro, marcando a passagem do teatro da espontaneidade para o teatro terapêutico.

Sabemos, hoje, que Bárbara e George não eram tão felizes como J. L. Moreno queria nos fazer crer e que os cuidados excessivos com Bárbara podem ter desviado a atenção de J. L. Moreno sobre George. Após o tratamento, o casal separou-se e, depois de cinco anos de separação, George suicidou-se. No entanto, o caso Bárbara e George continua sendo uma importante referência para o desenvolvimento do psicodrama, pois evidencia a fase experimental de J. L. Moreno na qual já podia-se verificar a presença de muito do que, hoje, conhecemos: diretor, ego auxiliar, protagonista, platéia, palco, aquecimento, dramatização e compartilhamento. Foi neste período, mais precisamente em 1924, que J. L. Moreno sistematizou suas experiências em um livro intitulado "Das Stegreiftheater" (O Teatro da Espontaneidade), que causou alvoroço em todo meio artístico revolucionário da época.

Vale ressaltar que todo o contexto sociocultural desta época em Viena era de mudanças. Os valores estavam sendo ques-

¹² Em 1959, J. L. Moreno e Zerka viajaram ao mesmo local, onde estava funcionando um restaurante.

tionados e o papel da mulher estava em ascensão rumo à igualdade de direitos. A instituição família começava a apresentar os primeiros sinais de fracasso. Barrio analisa a questão:

“Ele [J. L. Moreno] pertence à geração seguinte, quer dizer, a das mudanças. É sabido que sua primeira paciente psicodramática, BÁRBARA, estabelece abertamente um conflito de papéis com seu esposo. (...)” (BARRIO, 1995:25, trad. do autor).

O pai de Bárbara era o dono do “Komödienhaus”¹³, onde J. L. Moreno realizou a primeira demonstração de sociodrama em 1º de abril de 1921. Data esta que passou a ser considerada como o marco inicial do psicodrama.

Em Marineau (MARINEAU, 1992:80), há referências de que J. L. Moreno teria alugado o teatro, o que excluiria a possibilidade da amizade entre Bárbara e J. L. Moreno ter facilitado financeiramente as coisas, restando a hipótese de que somente o contato entre J. L. Moreno e o diretor do “Komödienhaus” daquela época fora facilitado pela amizade entre a filha-do-dono e o médico-diretor-de-teatro.

Entretanto, em sua autobiografia, J. L. Moreno nos conta:

“A primeira sessão oficial psicodramática teve lugar no Komödienhaus, um famoso teatro de Viena, em 1921. Anna Höllering, a atriz, era grande amiga minha, e seu pai, que era o dono do Komödienhaus, me deixou usá-lo por uma noite sem pagar aluguel.” (MORENO J. L., 1997: 90).

Diante desta revelação, fica evidente a “mãozinha” que Bárbara deu a J. L. Moreno naquela época. Fato que repetir-se-á na relação dele com outras mulheres mais tarde.

Parece que, além do “— Tenho um caso especial com Deus...” como ele mesmo costumava dizer para afastar períodos de dificuldade financeira, um “caso especial com mulheres” também era freqüente na vida de J. L. Moreno.

Da mesma época do caso Bárbara e George é o caso Robert e Diora. Ambos com o mesmo triste fim. Marineau analisa a questão:

[J. L. Moreno] “Estava realizando “terapia dramática” com outro casal, Robert e Diora. Tudo parecia caminhar bem, mas um dia Diora deixou o parceiro e Robert suicidou-se no dia seguinte. Isto aconteceu em 1924, época em que Moreno estava às voltas com muitos problemas. Passava por um período de intenso auto-exame, reavaliando a confiança na força da atriz e no seu próprio poder de diagnóstico. Foi um confronto brusco com as dificuldades do manejo de pacientes suicidas. Não há provas de que tenha sido direta ou indiretamente responsável pelo suicídio de Robert Müller, mas o fato deve ter contribuído na sua decisão de deixar a Áustria. (MARINEAU, 1992: 86).

Mais adiante, Marineau arrisca dizer, subliminarmente, que J. L. Moreno, no início da carreira, não conseguia manter uma distância razoável das pacientes mulheres (atrizes e amigas) o que poderia ter provocado uma reação passional de seus companheiros:

“Moreno fala da personalidade frágil e sensível de Georg. Quanto a Robert Müller, Moreno admite que foi “totalmente pego de surpresa”. Em ambos os casos, é interessante notar que Moreno usou a **mulher** como protagonista na maior parte do tempo, negligenciando, possivelmente, a personalidade dos dois homens. Ver a *Autobiography*

¹³ “Casa de Comédia”, em tradução literal.

(1985) cap. 6: 30-1. Os dois homens eram relativamente bem conhecidos de Moreno, já que ambos tinham escrito no *Daimon* e George Kulka trabalhou com o editor de Moreno, Kiepenheuer; George Kulka entrou numa polêmica sobre plágio com Karl Kraus. Parece que também ele tinha uma personalidade com a qual não era fácil lidar. Anna Höllering (Bárbara) deve ter tido boas razões para abandoná-lo, razões que “um envolvidíssimo” Moreno deve ter desprezado (De uma entrevista pessoal com a irmã de Anna Höllering, Lana Sutton).” (MARINEAU, 1992: 188, grifo do autor).

b. Marianne Lörnitzo (nascimento: aproximadamente 1902 e morte: 1984)

A relação de J. L. Moreno com Marianne¹⁴ mais parece um conto de fadas, porém com um triste fim. Foi a época em que ele deu asas aos seus sonhos e ideais. Queria viver em uma cidade mais calma e sem poluição. Um dia, pegou um trem e foi para uma cidade próxima a Viena, Kottlingbrunn. Lá, casualmente, encontrou na rua o prefeito da cidade vizinha (Bad Vöslau), Franz Peksa, que o convidou para ser o médico da sua cidade, pois o médico que eles tinham havia morrido há pouco tempo. Mudou-se de Viena para Vöslau, em 1917, a convite do governo e, além de diretor do departamento de saúde da cidade, era médico de uma grande fábrica de tecidos. Ficou hospedado em uma casa de pedra de três andares e tinha dinheiro o suficiente para não precisar cobrar consultas particulares, consultando pessoas que vinham de longe para ver o novo doutor. A profecia da cigana

¹⁴ J. L. Moreno, em sua autobiografia, refere-se à sua concubina de Vöslau como *Marian*. No entanto, prefiri utilizar o nome *Marianne*, assim como Marineau o faz, pela proximidade latina de nossas Línguas (Francês Canadense e Português).

com quem a mãe de J. L. Moreno aconselhava-se parecia estar realizando-se.

Não exibia placas ou certificados em seu consultório, nem assinava os receituários. Estava colocando em prática sua filosofia do anonimato e jogava o papel de Deus com desenvoltura. Nesta época, viajava a Viena para conduzir o teatro da espontaneidade e freqüentar os cafés junto a seus amigos e amigas artistas e intelectuais. Jonathan D. Moreno, na introdução da autobiografia do pai, nos conta uma anedota¹⁵ sobre aqueles dias:

“Uma pessoa de uma outra mesa, falou alto “Grande Deus !”¹⁶, expressão que os vienenses utilizam por ênfase a alguma coisa. Moreno, então, levantou-se, olhou ao redor e gritou: “Alguém me chamou?”. (MORENO J. D., 1989, Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry, Vol. 42, Nº1: 11, trad. do autor).

J. L. Moreno vivia a plenitude e foi neste clima que viu uma linda e jovem professora, caminhando na rua com algumas crianças, por quem apaixonou-se à primeira vista. Ele não a cumprimentou e nem ela a ele. Mas ele sabia, por algum motivo, que ela também estava apaixonada. Conheceram-se em seu consultório, onde Marianne começou um tratamento, por causa de problemas na garganta.

Ele morava com uma senhora chamada Frau Frank, que o secretariava e cuidava dos afazeres domésticos. Após anos de dedicação, Frau Frank viajou para sua cidade de origem, onde faleceu. J. L. Moreno recebeu com tristeza a notícia, pois tinha muita gra-

¹⁵ Esta anedota foi contada a Jonathan pela irmã mais nova de Marianne, Gertrude Selb, na viagem realizada por ele e Grete Leutz a Vöslau em 1984, seis meses após a morte de Marianne.

¹⁶ No original, *Great God !*

tidão por ela. Foi ela quem, certa feita, vendeu vários dos presentes que J. L. Moreno ganhava de seus pacientes e entregou-lhe o dinheiro, dizendo que ele precisaria um dia daquilo que rejeitava naqueles dias de fortuna. Ela não se conformava com o fato dele não cobrar pelas consultas particulares. E ele sempre retrucava, dizendo que tinha o suficiente para viver, tinha casa para morar e não tinha família para sustentar.

Marianne estava noiva de um rapaz da cidade e morava com os pais. Quando soube da morte de Frau Frank, foi à casa de J. L. Moreno e ofereceu-se para trabalhar para ele. Ficava, inicialmente, duas horas por dia, depois quatro, até mudar-se de vez. Seus pais apoiavam sua atitude, pois achavam que um médico precisava de alguém para cuidar da casa, mas algumas pessoas da comunidade não compreendiam como aquele médico quase Deus poderia ter-se tornado um jovem sedutor. Entretanto, em sua autobiografia, J. L. Moreno diz ter mantido durante meses sua atitude celibatária. Admite ter envolvido-se emocionalmente com Marianne, mas diz que por estar jogando o papel de Deus, estava quase que impotente. Não sentia atração sexual por ninguém e nem por Marianne, com quem chegou a dormir junto, mas sem tocá-la.

A relação entre os dois foi, paulatinamente, tornando-se mais profunda. Não sabiam sobre seus passados, nem faziam questão de apresentar seus amigos ou familiares. Ambos viviam um para o outro como se tivessem nascido novamente. Somente mais tarde é que o fato dela ser alemã e católica e ele judeu representou um problema para eles, mas inicialmente nem deram-se conta disto.

Pouco falavam sobre o assunto, mas pretendiam se casar. Iniciaram uma vida sexual ativa após muitos meses de convívio. J. L. Moreno diz que o sexo sempre foi secundário nesta relação. Lembra, entretanto, que

antes de partir para os EUA, tiveram uma noite como nunca haviam tido antes.

J. L. Moreno parecia possuir algum tipo de magnetismo que, além de atrair as mulheres, as fazia transgredir as regras sociais da época. Marianne e J. L. Moreno, para escândalo de Vöslau, moraram quase 5 anos juntos, entre 1920 e 1925, sem se casar.

Um dia, confessaram um ao outro que ouviam vozes quando criança, como se Deus quisesse transmitir alguma mensagem a eles. Foi então que, durante um passeio pelo campo, novamente começaram a ouvir tais vozes. Ele correu para casa e, sem tempo para pegar um papel, começou a escrever pelas paredes do cômodo mais alto de sua casa, utilizando um lápis vermelho após o outro, as palavras que estava ouvindo. Eram "As Palavras do Pai".

Marineau analisa:

"É interessante que necessitasse da presença de uma mulher a seu lado para "fazer nascer" e, finalmente, chegar a um acordo com sua filosofia da espontaneidade e criatividade, filosofia que chegou à plenitude num "encontro" com uma mulher." (MARINEAU, 1992: 72).

E, mais adiante, conclui:

"No começo era a ação, no começo era o grupo, diz Moreno. No começo era a relação, diz Buber. Tudo está exemplificado aqui em As Palavras do Pai, partindo do papel da mulher na vida de Moreno: além de ser a inspiração do poeta, sua musa, Marianne foi de certa forma uma mãe, uma parteira que liberou as palavras a serem ditas. Foi também o outro significativo, através do qual Moreno pôde "ser"; o criador de uma nova "dinastia" não podia existir sem uma mulher... "Eu era sem nome até que falasses comigo." (MARINEAU, 1992: 75).

Quando Marineau diz que J. L. Moreno criou, neste momento, uma nova dinastia e formulou a base de sua filosofia, devemos entender com isso que esta foi a fase em que ele assumiu o nome que seria usado até sua morte, além de ter impulsionado tudo o que hoje conhecemos como o psicodrama. Precisava de um nome para seus artigos na revista *Daimon*. Viu que sua idéia de anonimato tinha saído pela culatra, pois ficara mais famoso escondendo sua identidade do que se tivesse assumido logo um nome. Então, passou a usar Jacob Levy no lugar de Jacques Levy e, em seguida, assumiu de vez Jacob Levy Moreno no lugar de Jacob Moreno Levy, que usou algumas vezes.

Realizou o primeiro sociodrama em 1 de abril de 1921. Também aplicou estudos sociométricos em campos de refugiados de guerra, inaugurou o teatro da espontaneidade, escreveu *As Palavras do Pai* (1920) e *O Teatro da Espontaneidade* (escrito em 1923 e publicado em 1924), ajudava famílias a resolver, dramaticamente e através do riso, problemas psicológicos e, finalmente, atendeu junto com Marianne seu primeiro caso psicodramático, quando decidiu, dali em diante, ser psicoterapeuta.

Marineau nos conta como foi este caso em que J. L. Moreno entendeu a depressão e sua cura e assegurou-se de que seu método dramático funcionava. Embora ainda não sistematizado, nascia o modelo clínico do psicodrama, tendo como protagonista o homem suicida:

“O paciente que viera vê-lo era um homem rico, porém infeliz. Queria que Moreno o ajudasse a morrer e pedia-lhe que se associasse a seu suicídio. Prontificava-se, inclusive, a fazer de Moreno seu herdeiro. Moreno deixou claro que, como médico, dedicava sua vida a fazer as pessoas viverem, a fazer sentirem-se melhor con-

sigo próprias. Começou então um processo terapêutico, entrando no mundo íntimo do homem. Durante semanas falaram sobre seus planos de morte. O homem escreveu sobre suas últimas vontades, discutiu longamente diferentes maneiras de se matar, comeu com renovado apetite, sabendo que esta poderia ser sua última refeição, e atuou diferentes roteiros. Fez isto com a ajuda de Moreno e Marianne. Ela foi então aquilo que, no psicodrama, seria chamado de ego auxiliar. O paciente era o protagonista e Moreno, o diretor. Moreno falou sobre este paciente como seu primeiro “paciente internado”. É uma bela ilustração das técnicas de psicodrama. O paciente internado passou muitas semanas em Vöslau, vivendo no hotel local.” (MARINEAU, 1992: 77, grifo do autor).

Este episódio nos mostra que Marianne, além de ter ajudado J. L. Moreno a parir idéias, também ajudou-o em sua prática psicoterápica, sendo sua primeira ego auxiliar no primeiro caso de psicodrama com um paciente internado.

Como vimos mais acima, o fato de Marianne ser alemã e católica e J. L. Moreno judeu em nada afetava a relação dos dois quando ainda estavam inebriados pela densa nuvem da paixão. No entanto, com o crescimento do movimento nazista, Vöslau ganhou alguns fanáticos que começaram a perturbar a vida dos dois. Insultavam J. L. Moreno em sua casa durante as madrugadas, o que fazia Marianne não querer mais sair. Mas ele não se intimidava, pois contava com o apoio do prefeito e da maioria da cidade que trabalhava na tecelagem, na qual era médico. Certa vez, Marianne e J. L. Moreno estavam na estação de trem e um grupo de rapazes nazis-

tas aproximou-se deles. O que parecia ser o líder abordou-o e chamou-o de judeu. J. L. Moreno socou-lhe a cara e derrubou-o no chão. O rapaz levantou-se e J. L. Moreno olhou em seus olhos e depois nos olhos de cada um dos outros com o olhar mais intenso que podia ter. Após alguns instantes, eles retiraram-se sem dizer uma só palavra, o que J. L. Moreno atribuiu, como única explicação, ao feitiço de seu olhar carismático.

Apesar de não ter havido mais confrontos do gênero, a situação estava ficando difícil para ele. Como vimos no caso Bárbara, as experiências com o teatro espontâneo e, posteriormente, com o teatro terapêutico em Viena, às vezes, colocava-o em situações constrangedoras.

Há uma declaração de J. L. Moreno relacionada ao tipo de relacionamento que manteve com Marianne que acrescenta mais um elemento ao conjunto de motivos que o levaram à mudar-se para os Estados Unidos da América:

“Se eu não tivesse tido a experiência do amor de uma cristã por um judeu, a luta de um judeu contra a prevalente mediocridade de uma sociedade germânica na ocasião, a inveja contra mim, e aquele desejo de vingança, eu poderia nunca ter desenvolvido a intuição de que eu devia deixar a Europa a tempo de encontrar um novo refúgio nos Estados Unidos. Eu era um pássaro migratório que sentia os ventos frios do outono antes de que comesçassem realmente a soprar contra ele.” (MORENO J. L., 1997: 112).

Aproveitou, então, o fato de ter inventado o primeiro aparelho para gravar sons junto com o irmão de Marianne para seguir seu irmão William em viagem aos EUA. Lá chegando, envolveu-se em experiências

excitantes e, após vários meses, parou de escrever para Marianne, dizendo que de alguma forma seus sentimentos por ela simplesmente haviam morrido.

A partir de entrevistas realizadas por Marineau com a irmã e sobrinha de Marianne, Gertrude e Veronika Selb, respectivamente, hoje sabemos que J. L. Moreno não foi capaz de romper seu relacionamento com Marianne de uma forma mais amável. Enquanto ela acreditava na possibilidade de um (re)encontro, mandava-lhe recortes de periódicos que falavam a respeito das criações de J. L. Moreno na Áustria e tentava, com ajuda financeira dos pais, manter a casa onde haviam morado.

J. L. Moreno, inicialmente, mandava dinheiro para ajudá-la, mas quando Marianne não pode impedir que o conselho municipal tomasse a casa da rua Maithal (1930), ele escreveu uma carta indelicada e rompeu o relacionamento.

Marianne demorou a recuperar-se do abandono e, mais tarde, casou-se, mas não teve filhos.

Marineau, possivelmente influenciado pela mágoa da irmã e sobrinha de Marianne que assistiram (a) seu sofrimento, escreve:

“Até mesmo inventou uma estória em que Marianne tinha se decidido ser freira ! Da mesma maneira como tinha sido incapaz de encarar o fato de que deixara seu pai morrer em Bucarest, assim também foi incapaz de encarar o fato de que tinha abandonado Marianne e tentado apagar a lembrança desse caso amoroso. Marianne, que tinha deixado tudo para seguir Moreno, ficou arrasada.” (MARINEAU, 1992: 106).

C - 1931 a 1934 (dos 42 aos 45 anos de J. L. Moreno)

a. Beatrice B. Beecher (nascimento: 1892 e morte: aproximadamente 1930)

Ainda não tive acesso ao único trabalho escrito em conjunto por J. L. Moreno e Beatrice¹⁷. Fica, portanto, incompleta a análise da contribuição teórica dela sobre a obra dele. Entretanto, temos alguns dados históricos que evidenciam as influências de Beatrice no início da vida americana de J. L. Moreno.

O visto de J. L. Moreno tinha somente oito meses de duração. Tentou de tudo para prorrogá-lo; viajou ao Canadá, subornou o serviço de imigração, mas vivia com medo de ser deportado. Estava, nesta época, desenvolvendo um trabalho junto com seu amigo, o Dr. Bela Schick, no Hospital Mt. Sinai. Conheceu, então, quem o salvaria da clandestinidade: uma especialista em problemas de família e em relacionamento social de crianças. Durante uma conversa sobre os trabalhos que estavam realizando no hospital, J. L. Moreno confidenciou à Beatrice seu temor de ter que voltar para a Europa a contra gosto. Ela ofereceu-se para casar-se com ele e, mais do que rápido, foram ao cartório, no ano de 1928, e consumaram o fato. Combinaram que se divorciariam assim que J. L. Moreno se tornasse cidadão americano, o que realmente aconteceu em 1934.

¹⁷ O referido trabalho pode ser encontrado nos arquivos de J. L. Moreno na sessão de livros raros da Biblioteca de Medicina Francis Countway em Boston, USA. Trata-se de um projeto relacionado com a publicação do *Improptu Book* chamado "Um projeto conjunto: J. L. Moreno e Beatrice B. Beecher".

Embora Marineau diga que a relação entre eles jamais fora apaixonada ou romântica, não foi essa a impressão que fiquei ao ler a autobiografia de J. L. Moreno. Ele nos conta:

"Quando a conheci, tinha uns trinta e três anos, e era uma linda mulher com cabelos loiros e olhos azuis, muito esbelta.

Beatrice e eu vivemos juntos pouco tempo até o divórcio, mas não intencionávamos ficar juntos. A primeira noite que passei em sua casa no Brooklyn, Beatrice preparou um magnífico jantar com peru. Ela disse: "Este é o nosso jantar de Dia de Graças". Apesar de termos nos separado logo depois, permanecemos amigos." (MORENO, J. L., 1997: 116).

E, um pouco mais adiante, escreve:

"Quando faleceu, deixou-me uma carta confirmando o que eu sempre sentira, que ela gostava muito de mim." (MORENO, J. L., 1997: 116).

Tenho a impressão de que Marineau refere-se ao relacionamento entre Beatrice e J. L. Moreno como não sendo romântico ou apaixonado, tendo como conceito de relação romântica aquela em que há uma reciprocidade afetiva de ambos os parceiros. Digo isto porque, mesmo correndo o risco de cometer um grande erro, acredito que Beatrice, na idade em que estava, e em plena década de 20, apaixonou-se por J. L. Moreno com a esperança de que ele fosse um dia o pai de seus filhos. A meu ver, ela tentou, compulsivamente, ter a companhia dele oferecendo sua cidadania, casa, afeto e, como veremos adiante, cooperação profissional.

Também tenho a impressão de que J. L. Moreno quis manter segredo sobre seu envolvimento, talvez apenas sexual, com Beatrice por algum motivo que desconhe-

ço, pois viveram juntos durante 6 anos (mais do que ele viveu com Marianne) e, mesmo assim, prefere dizer: “Beatrice e eu vivemos juntos pouco tempo até o divórcio”. No mínimo, estranho...

Beatrice impulsionou a carreira americana de J. L. Moreno de forma definitiva. Inseriu o psicodrama no *Plymouth Institute*, o que deu projeção da nova técnica psicológica na mídia, pois revolucionava a visão conservadora de uma instituição ligada à igreja. Fundaram juntos o Teatro do Improviso, que tinha como sede o Carnegie Hall, o que possibilitou o contato de J. L. Moreno com figuras significativas do teatro novaiorquino. Apresentou-o a vários educadores e terapeutas e tornou possível seu trabalho com crianças americanas. Ainda neste período, J. L. Moreno conseguiu o reconhecimento de seu diploma de médico e tornou-se, definitivamente, um psicoterapeuta. Criou a revista *Impromptu*, realizou a pesquisa sociométrica na Prisão de Sing-Sing, participou, pela primeira vez, da Reunião da Associação Psiquiátrica Americana e iniciou sua pesquisa na Escola Hudson para Moças.

Desenvolveram, portanto, vários projetos juntos até a morte de Beatrice causada por uma pneumonia.

b. Helen Hall Jennings

J. L. Moreno em 1953, referindo-se à investigação sociométrica que realizara na Escola para Educação de Moças do Estado de Nova York em Hudson, onde ocupou o cargo de Diretor de Pesquisa de 1932 a 1934, cita de forma contundente a importância da colaboração de Jennings:

“Jennings assistiu-me na finalização da pesquisa; sem ela, isto poderia ter sido adiado indefinidamente. Sua personalidade, bem como seus talentos

exerceram influência decisiva sobre o desenvolvimento da sociometria.”
(MORENO, J. L., 1992, vol. 1: 47).

Sabemos que Jennings fora muito íntima de J. L. Moreno, em uma época em que ele encontrava-se casado por conveniência com Beatrice e mantinha várias relações com mulheres, dizendo que esta era a melhor forma de aprender a língua inglesa. Conheceram-se no Teatro do Improviso, que J. L. Moreno fundara com a ajuda de Beatrice e William H. Bridge¹⁸, em 1927. Mas, aparentemente, não desejava envolver-se com ela, nem desposá-la. Ao contrário, como diz Marineau, ele sentia um profundo respeito pela mulher que considerava uma das mais talentosas cientistas sociais de que tinha conhecimento.

Sabe-se que seus conhecimentos em metodologia e estatística foram extremamente valiosos nos estudos que, junto a J. L. Moreno, realizou na prisão de Sing-Sing e, posteriormente, na Escola Hudson. No filme produzido em 1933 por J. L. Moreno intitulado “Uma técnica inventada para desenvolver a expressão social de indivíduos em situações de vida”¹⁹, o nome de Jennings aparece sob o cargo de assistente de pesquisa da Escola Hudson.

Marineau ainda diz que ela também colaborou com o teatro do improviso e manteve-se na direção de muitos projetos, enquanto J. L. Moreno ocupava-se de outras atividades. No entanto, nos faltam dados

¹⁸ William era pai de Florence, segunda esposa de J. L. Moreno, e professor de locução e literatura inglesa no *Hunter College*. Posteriormente tornou-se diretor e gerente da companhia de dança de Martha Graham.

¹⁹ Este filme foi telecinado e publicado por Rene Marineau, que dirige o Centro de Documentação em História e Epistemologia da Psicologia da Universidade de Quebec no Canadá, 1997.

para entender melhor qual teria sido sua contribuição no campo teatral.

Sabemos que Jennings estava presente quando, em 31 de maio de 1932, na Filadélfia, J. L. Moreno falou no Congresso da Associação Americana de Psiquiatria (APA) sobre os métodos grupais de classificação e definiu a Terapia de Grupo. Foi Jennings quem apresentou a J. L. Moreno seu então orientador do curso de doutorado na Universidade de Colúmbia, Gardner Murphy, que, por sua vez, o apresentou a vários psicólogos sociais e sociólogos americanos.

Barrio (1995) nos conta que Jennings, como dramaterapeuta, deu alguns seminários periódicos na Inglaterra na década de setenta.

Apesar de J. L. Moreno aparecer como co-autor nas publicações de 1940 e 1943 (vide lista de obras de autoria e/ou co-autoria), sabemos que ele somente as editou, pois já não estava envolvido diretamente em estudos sociométricos após a publicação de *Who shall survive?* em 1934.

O fato de Jennings ter sido a principal responsável pela publicação da primeira edição de *Quem sobreviverá?*, no qual encontram-se registradas as experiências de Sing-Sing e Hudson, levou J. H. Meyer a fazer o seguinte comentário:

“Infelizmente, Moreno nunca escreveu um livro organizado. Todos os seus “livros”, com exceção da primeira edição de Quem Sobreviverá? (1934) baseado na pesquisa conduzida por Helen Jennings, são principalmente coletâneas de artigos reimpressos.” (MEYER, 1952: 359 em HARE e HARE, 1996: 104, grifo e trad. do autor).

Obviamente Meyer referia-se aos livros de cunho científico que tratam de temas sociológicos, mais especificamente sobre sociometria, esquecendo-se das belas obras poéticas e filo-

sóficas escritas por J. L. Moreno, em língua alemã, em seu período europeu.

c. Gertrude Franchot Tone (nascimento: aproximadamente 1875 e morte: aproximadamente 1942)

Cabe ressaltar, neste trabalho, a pessoa de Gertrude, pois ela foi a responsável direta pelo financiamento do projeto americano de J. L. Moreno.

Repetia-se, portanto, como vimos na relação Moreno-Bárbara, a ajuda financeira que ele não recusava das mulheres com quem convivia. Em especial nesta época, pois J. L. Moreno havia gasto tudo o que tinha para comprar o terreno de Beacon, cidade próxima a Nova Iorque.

Gertrude era uma senhora de, aproximadamente, 60 anos de idade quando conheceu J. L. Moreno. Tinha problemas com o álcool e estava desinteressada pela vida, pois seus filhos já estavam grandes. Seu filho, conhecido como Franchot Tone, fora um conceituado ator na época. Ela recebeu uma herança de 20 milhões de dólares de seu pai, o senador Franchot e era esposa do milionário dono da “U. S. Carborundum Corporation”. Queria investir em algum projeto nobre. Quando leu *Who shall survive?*, quis conhecer seu autor e marcou um encontro. J. L. Moreno lhe contou sobre seu terreno e sanatório em Beacon e a idéia de construir um teatro. Gertrude achou o que queria. Mudou-se para Beacon com uma bagagem de vinte volumes sob a condição de não beber nada alcoólico. Passava as noites em claro, olhando as estrelas e realizando previsões intuitivas. Dormia durante o dia e realizava somente uma refeição. Devolveu a J. L. Moreno o papel de Deus, que ele não atuava desde a adolescência e a época de Vöslau. Foi, neste sentido, como uma musa para ele. Começou a ajudá-lo

inclusive em seus escritos, lendo-os todos e discutindo-os na hora do jantar. Contratou uma secretária especial para tomar nota e datilografar as idéias de J. L. Moreno. Viveiram assim durante, aproximadamente dois anos (de 1936 a 1938) até ela recuperar-se de seu alcoolismo e mudar para Beverly Hills. Barrio tem uma visão diferenciada da convivência e separação de J. L. Moreno e Gertrude:

“Introduziu Moreno na alta sociedade. Separou-se dele quando começou a ligar-se sentimentalmente e ele a rejeitou.” (BARRIO, 1995: 67, trad. do autor).

Em sua autobiografia, J. L. Moreno nos conta sobre o dia em que Gertrude sugeriu que os dois casassem, mas não diz em nenhum momento que a relação entre os dois terminara por causa disto. Vale a pena destacar este trecho da autobiografia, que talvez tenha levado Barrio a realizar a inferência acima:

“A Sra. Tone era uma verdadeira rebelde. Era contra todas as instituições, incluindo o casamento. Beijava sua mão duas vezes ao dia, antes e depois do jantar. Nosso relacionamento, no entanto, era distante. Para mim ela era uma pessoa muito fria. Porém um dia, depois de vários meses de convivência na grande casa branca, antes de subir para seu quarto, ela parou, olhou para mim, sorriu e disse: “Bem, Dr. Moreno, vamos nos casar. Podemos escapar muito facilmente”. E parou. Talvez estivesse pensando na diferença de nossas idades e o que as pessoas poderiam dizer. “Veja, tenho dinheiro parado no banco. Você tem muitas idéias. Imagine o que meu dinheiro pode fazer para disseminar suas idéias pelo mundo todo!”

“Bem!”, respondi. “Agradeço-lhe pelas suas honrosas intenções, mas sempre achei que podia consegui-lo por mim mesmo.” Aparentemente ela não sabia que eu tinha um caso especial com Deus. E assim, após esse incidente, nosso relacionamento voltou ao que sempre fora, muito formal.” (MORENO J. L., 1997: 128)

Também encontramos referência à pessoa de Gertrude no livro “Lições de Psicodrama”, a qual destaco a seguir:

“Em 1936 Moreno muda-se para Beacon House, distante 90 km de Nova York, e constrói ali o primeiro Teatro de Psicodrama, doado por uma amiga e admiradora Madame Franchot Tone, onde funcionou até 1982 um centro de formação de profissionais, além da realização semanal de sessões com psicodrama público.” (GONÇALVES, 1988: 17).

Zerka, em carta ao casal Hare e Hare datada em 20/06/1995, diz que J. L. Moreno foi obrigado a levar Florence, sua segunda esposa, a estudar em Colúmbia, porque Gertrude (uma riquíssima paciente do sanatório que deu dinheiro para a construção do teatro de Beacon) ficara com inveja da sua juventude e beleza. Fica clara a interpretação de Zerka de que J. L. Moreno, ao aceitar o dinheiro de Gertrude, acabou sendo obrigado a fazer-lhe “favores” talvez até mesmo contra sua vontade.

Entretanto, J. L. Moreno não cita tais exigências em sua autobiografia, ou qualquer desavença entre eles. Ao contrário, demonstra toda sua gratidão por ela, dedicando-lhe a construção do teatro de Beacon e afirmando que a admirava intelectualmente por ser, junto com a amiga Dorothy Thompson precursora do feminismo liberal.

D - 1935 a 1940 (dos 46 aos 51 anos de Moreno)

a. Florence Bridge (nascimento: 1912)

Florence, atualmente (1997), conta com 85 anos de idade. É uma simpática e dinâmica senhora de bochechas rosadas e grandes óculos de armação vermelha. Vive com seu segundo marido em uma casa situada em Forest Hills, um bairro ao nordeste de Manhattan na cidade de Nova Iorque e toca órgão de improviso em uma igreja local. Curvou o "Elmira College" e a "Columbia University".

Tive a oportunidade de conhecê-la pessoalmente e conversar sobre vários assuntos. Nesta entrevista²⁰, estava muito disposta a ajudar no que fosse possível, falou sobre seu papel de esposa e mãe e enfatizou ter pouca ligação com o psicodrama propriamente dito. Humildemente, disse que não aventurava-se a falar sobre psicodrama para evitar problemas, mas aos poucos assumiu ter escrito um dos mais importantes capítulos da história da elaboração do psicodrama, sobre o qual falarei mais adiante: sua teoria espontânea do desenvolvimento infantil.

Há controvérsias sobre como Florence e J. L. Moreno se conheceram:

"Quando apresentava a sociometria na classe do Dr. Stevens, na Universidade de Colúmbia, Moreno conheceu uma jovem médica interna na Escola Hudson, estudo que fazia parte de seu aprendizado em trabalho social. Chamava-se Florence Bridge, nascida em 1912." (MARINEAU, 1992: 110).

²⁰ Realizada em fevereiro de 1997 no Crowne Plaza Hotel, Manhattan, NY, USA. Estavam presentes, além de Florence e eu, Regina Moreno, José Fonseca Filho e Maria Paula Hermann.

Portanto, para Marineau, J. L. Moreno e Florence se conheceram quando ela já estaria freqüentando, ou pelo menos visitando esporadicamente, a Universidade de Colúmbia.

Zerka, em carta datada em 20/06/1995 enviada ao casal inglês Paul e June Hare, discorda da versão de Marineau sobre como J. L. Moreno e Florence se conheceram. Ela diz ainda que Florence não era assistente social ("social worker") e sim ajudava na pesquisa da Escola Hudson sob supervisão de Helen Jennings e, portanto, não encontrou J. L. Moreno enquanto ele demonstrava a sociometria na "Columbia University" como Marineau relata. Zerka escreve:

"...quando J. L. abriu o Sanatório em Beacon precisava de uma ajudante e Helen Jennings sugeriu Florence que estava precisando de emprego; era uma época de depressão e ela tinha somente o bacharelado. Quando ela veio, a senhora Gertrude Franchot Tone (uma rica paciente do sanatório de Moreno que financiou a construção do teatro de Beacon) ficou enciumada com sua juventude e beleza e Moreno a mandou estudar na Columbia onde ela formou-se como professora especializada em educação infantil e de fato tornou-se professora do jardim de infância depois que eles divorciaram-se pelo menos por algum tempo antes de casar-se de novo." (HARE e HARE, 1996:25, trad. do autor).

Na carta de Zerka, recebida pelo autor deste trabalho, datada em 19/10/1996, ela confirma a versão acima:

"Florence era uma residente na New York Training School for Girls in Hudson, NY, quando Moreno realizava uma investigação sociométrica lá e, através de Helen Jennings, ela veio

para Beacon para trabalhar como auxiliar de um paciente quando Moreno abriu seu sanatório em 1936."

Temos também a versão do próprio J. L. Moreno, que não deixa dúvidas quanto a correção realizada por Zerka sobre onde eles se conheceram. Fica somente a dúvida quanto a influência ou não de Jennings neste caso:

"Ela era uma conselheira estudante na Hudson School for Girls, e estava se preparando para uma carreira em trabalho social... Por um período de seis meses a um ano, nós ficamos cada vez mais íntimos. Ela por fim veio morar comigo e então nos casamos..." (MORENO J. L., 1997: 134).

Para Zerka parece que Jennings fora como um cupido que os aproximou, levando Florence para trabalhar no sanatório de Beacon. Mas quando J. L. Moreno nos conta a estória, além de não citar Jennings, diz ter passado por um período de enamoramento à distância antes de consolidar a relação.

Em "Teoria da Espontaneidade do Desenvolvimento Infantil"²¹ Florence e J. L.

²¹ O título original deste artigo escrito em 1944 por Florence e J. L. Moreno é *Spontaneity Theory of Child Development* publicado pela primeira vez em *Sociometry*, 7: 89-128. Em 1946, o mesmo artigo foi publicado em *Psicodrama* (Beacon House, Beacon, NY, 1946, Vol. I). Dez anos mais tarde, foi reeditado por J. L. Moreno em *Sociometry and the Science of Man* (Beacon House, Beacon, NY, 1956, p. 137- 5). J. L. Moreno, nesta última edição, suprimiu boa parte do artigo original. Enviei, para Florence, esta última versão do artigo a fim de que ela comentasse as alterações realizadas. Ela limitou-se a responder-me, "Eu não pude reconhecê-la como aquela que eu partilhei com Moreno. Eu, inclusive, estou surpresa que meu nome esteja nela." (carta enviada ao autor deste trabalho datada em 17/10/1997).

Embora não tenhamos tido contato direto, sabemos que M. Wellman escreveu, em 1963, um artigo baseado nesta produção de Florence e J. L. Moreno intitulado "Basic principles of Moreno's contribution to psychology" (*Group Psychotherapy*, 16(4): 260-84).

Moreno fincaram juntos uma das principais bases da teoria psicodramática. Ultrapassaram o limite entre o conhecimento científico e a mera especulação. Não cabe, aqui, uma discussão mais aprofundada sobre este artigo, mas vale dizer que, a partir de observações de crianças realizadas pelo casal e do conhecimento herdado de seus mestres por Florence, elaboraram um conjunto de argumentos definitivos para a sustentação de uma teoria: "A Matriz de Identidade".

Fonseca, em seu artigo "Ainda sobre a matriz de identidade", contextualiza a época em que Florence escrevera este artigo e revela a importância das correntes de pensamentos que a influenciaram na sua época acadêmica. Vejamos:

"...(Columbia University), onde nos anos 30 e 40, já existia, de forma clara, a influência da psicodinâmica psicanalítica, "filtrada", podemos assim dizer, pelo pragmatismo social americano. São dessas décadas, por exemplo, os trabalhos de Lewin, K. (A Dynamic Theory of Personality-1935), Sullivan, H. S. (Introduction to the Study of Interpersonal Relations-1936), Rogers, C. R. (Counseling and Psychotherapy-1942), Slavson, S. R. (An Introduction to Group Therapy-1943), Foulkes, S. H. (Introduction to Group Analytic Psychotherapy-1948). Isto nos permite conjecturar que além das raízes fenomenológico-existenciais e germano-européias de Moreno, podem ter existido influências psicodinâmicas e americanas por parte de Florence Bridge, e até mesmo de J. L. Moreno que já estava há 21 anos nos Estados Unidos, na formulação do texto em questão. Não seria difícil imaginarmos, também, que no livro de apresentação do psicodrama para a comunidade científica americana e

mundial, em 1946, Moreno desejasse uma aceitação de suas novas idéias e que isto dificilmente aconteceria se não constasse algo sobre o desenvolvimento da criança, ou uma teoria de personalidade. Afinal de contas, este era o caldo de cultura que alimentava a psiquiatria psicodinâmica e a psicologia americanas nesse período. (FONSECA FILHO, 1996: 22).

Portanto, Fonseca defende a idéia de co-autoria entre Florence e J. L. Moreno neste artigo. Fato este que ficou confirmado após o próprio Fonseca ter perguntado pessoalmente a ela sobre sua participação. Ela nos contou que escrevera sim o artigo e que o seu, então marido, J. L. Moreno fizera as revisões necessárias antes da publicação.

Apesar desta participação de Florence ser de fundamental importância, atualmente, para o psicodrama, parece que na época não passava de mera obrigação intelectual. Florence parecia preocupar-se e estar muito mais ligada às funções maternas e conjugais do que às intelectuais. Zerka nos conta:

“Embora Florence fosse preparada e tivesse trabalhado com ele de sol a sol, o casamento afundou por falta de uma profunda compreensão, por parte dela, a respeito dos dons criativos de seu marido, (...)” (correspondência particular, 19/10/1996).

Também Marineau nos revela este descompasso entre o que J. L. Moreno precisava como companheira e como Florence se comportava:

“O casamento de Moreno com Florence não foi feliz para ele. Para ela, foi diferente: admirava-o tanto que lhe bastava viver na “casinha de Beacon” e cuidar da filha. Os dois não viviam no mesmo mundo.” (MARINEAU, 1992: 111).

Além desta tendência doméstica, Florence, cada vez mais, identificava-se com o espírito divino de J. L. Moreno. Sua imagem substituíra o pai de quem Florence cuidou durante vários anos, como comenta Zerka:

“...assim como sua própria infância carente acabou influenciando no seu desenvolvimento para sua graduação. Embora Moreno fizesse o melhor para tentar ajudá-la, somente após deixá-lo e divorciar-se dele ela ficou madura e capaz de construir um segundo e estável casamento. Para ela, foi difícil tratar o homem, enquanto tal, e o trabalho dele o absorvia tanto, era tão central para ele, que somente quando eu soube disso tornei-me sua assistente e nossa relação tornou-se uma parceria genuína.” (correspondência particular, 19/10/1996).

E - 1941 a 1974 (dos 52 aos 85 anos de J. L. Moreno)

a. Celine Zerka Toeman (nascimento: 13 de junho de 1917)

“Zerka Toeman Moreno é a decana da prática psicodramática, que formou psicoterapeutas de grupo e psicodramatistas em muitos países: Estados Unidos, Europa, América Latina, Oriente Próximo e Médio e Ilhas Antípodas. Dirigiu o Moreno Institute em Beacon, Nova York (fundado por seu marido, J. L. Moreno) - o centro original e mundial do psicodrama até 1982. Foi presidente da American Society of Group Psychotherapy and Psychodrama e é membro honorário do Board of Directors da International Association of Group Psychotherapy.” (HOLMES, 1992).

É indiscutível a participação de Zerka na vida e obra de J. L. Moreno. Ele, com 52 anos de idade e desmotivado com a relação estritamente familiar que mantinha com Florence, encontrou na figura dessa jovem holandesa e judia de 24 anos de idade, que vivera por uns tempos na Inglaterra, um novo caminho para sua vida.

Foi então, em uma ensolarada tarde de verão de 1941, que J. L. Moreno viu entrar em seu consultório uma mulher jovem com uma criança de aproximadamente 3 anos de idade no colo. Vinha acompanhada de sua irmã e cunhado recém-chegados na América. Estavam muito atormentados. O cunhado desempregado e a irmã desequilibrada. Zerka cuidava do sobrinho, pois sua irmã pensava em suicidar-se e tinha muita raiva do filho, pensando várias vezes em matá-lo.

J. L. Moreno descreve este encontro em um artigo intitulado "Deus é uma pessoa só? Meu primeiro encontro com uma musa de alta categoria, Zerka." (trad. do autor), publicado inicialmente na revista "Group Psychotherapy" (Vol. XXIII, Nº 3 e 4, 1970, págs. 75-78.) e, posteriormente, no livro "Theory and Therapy" de Ira A. Greenberg (New York, Behavioral Publications, 1974). Durante todo o texto, J. L. Moreno descreve o diálogo quase telepático entre os dois: ele, admirando o espírito benfeitor dela e ela, àquele ser tão humano, que nem parecia um médico, pois não era formal como outros tantos que conhecia. Ao final da consulta, Zerka levou a irmã para seu "apartamento" e J. L. Moreno, de sua sala, ficou observando o movimento deles. Esperando vê-la uma última vez antes que partissem da cidade, pensou: "Será que poderei ficar a sós com ela?" Como que numa resposta à essa sua vontade, ela voltou ao consultório, bateu na porta e pediu uma hora com ele em seu consultório da cidade, onde gostaria de vê-lo a sós. Vejamos, a título de ilustração, um pequeno trecho deste poético texto:

"(...) A vejo, ela olha para mim e isto basta. Digo a mim mesmo (fala meu duplo): "sim, sim, sim" e estendo os braços em um gesto amplo e acolhedor. Sinto que já é minha e que eu já sou seu.(...)" (GREENBERG, 1977, trad. do autor).

Depois deste encontro, J. L. Moreno ficou apaixonado e lhe escreveu:

*Eu gostaria
De ter nascido com você
Como um só ser,
Mas agradeço a Deus
Por ter nascido separado de você,
Como um ser distinto*

*Mas ah!
Oh Deus, Oh meu Deus,
Agora que encontrei você
E me tornei um com você,
Desejo
Poder morrer com você,
Como um só ser.*

(Original: Zerka T. Moreno. Cópia nos arquivos de Harvard. MARINEAU, 1992: 113).

Este foi o início de uma longa jornada. J. L. Moreno providenciou sua separação legal de Florence e uniu-se matrimonialmente à Zerka em 1949.

Vejamos, a seguir, um trecho do livro de Marineau, no qual descreve como era a Zerka da década de 40 e como ela entrou na vida psicodramática de J. L. Moreno.

"Zerka era uma estudante de modas de muito talento. Nunca tinha pensado em engajar-se na área de psicologia, conquanto por natureza se preocupasse com os outros, com seu bem-estar. Entretanto, sua experiência com a irmã psicótica tinha lhe dado certa compreensão do tipo de trabalho que Moreno fazia, e bem rápido se envolveu em seus

projetos. Ele lhe pediu que lesse as provas de sua tradução inglesa de As Palavras do Pai, e quando terminou ela lhe disse que sentia-se como se fosse ela própria quem escrevera o livro. Sua compreensão imediata do livro e de sua filosofia cimentou a relação entre eles e deu a Moreno um grande sentimento de segurança de ter encontrado uma parceira pronta para compartilhar suas idéias. A partir desse ponto, Zerka entrou em sua vida como mais ninguém, antes ou depois. Tornou-se sua sócia e companheira constante.” (MARINEAU, 1992: 112).

Bustos também tem sua versão do início da vida psicodramática de Zerka:

“Zerka é, primeiramente, seu ego auxiliar para converter-se em seguida na pessoa que conduz o movimento psicodramático. É ela quem dirige as sessões e o programa de treinamento, rege as publicações (Beacon House), etc.” (BUSTOS, 1979: 190).

Assumindo a condução das atividades em Beacon, Zerka acaba liberando J. L. Moreno para focar sua atenção na divulgação e reconhecimento do psicodrama nos EUA e no mundo, apesar dele continuar dirigindo pelo menos uma das três sessões diárias do Instituto.

“Tras el matrimonio con Zerka vienen los viajes y la expansión por el mundo.” (BARRIO, 1995: 96).

Barrio sustenta, como vimos no capítulo 1, uma última fase do desenvolvimento do psicodrama nas décadas de 50 e 60 - portanto depois do casamento com Zerka - quando ocorreu sua expansão e reconhecimento por todo o mundo.

Já em 1942, J. L. Moreno e Zerka publicam uma pequena brochura denominada

“The Group Approach in Psychodrama” e, desta data em diante, o casal Moreno sempre foi visto junto nos “workshops”, congressos e conferências além de serem parceiros em várias publicações e empreendimentos. Marineau destaca, em seu livro, as dificuldades que encontrou para desvencilhar, após a união de Zerka e J. L. Moreno, quais os escritos realizados por um ou por outro e afirma que as contribuições de Zerka têm sido freqüentemente subestimadas. Diz ser impressionante a trajetória de 35 anos de produção pessoal e profissional conjunta de Zerka e J. L. Moreno, não encontrando precedentes de casais tão integrados na história da ciência, embora cite alguns exemplos semelhantes.

No ano do casamento de Zerka e Moreno, 1949, ela, junto a outros discípulos de Moreno, já figurava na lista de diretores de psicodrama do Teatro Mansfield, NY:

“Anthony Brunse, M. D., James Enneis, Ernest Fantel, M. D., Robert B. Haas, Helen H. Jennings, Leona M. Kerstetter, J. L. Moreno, M. D., Justus F. Randolph, Zerka Toeman.” (GREENBERG, 1977: 55).

Nasce deste casamento, em 1952, Jonathan David Moreno²² - o único que

²² Jonathan D. Moreno é professor de ética, dirige sessões de psicodrama e é membro ativo na Associação Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. Obteve, três anos depois da morte do pai (20 de maio de 1977, data do diploma), o título de Doutor em Filosofia pela Universidade de Washington. Em 1981, publicou o livro “Discurso em Ciências Sociais - Estratégia para a tradução de teorias de doenças mentais” e, mais recentemente, em 1995, “Deciding Together - Bioethics and Moral Consensus” como Diretor da Divisão de Humanidades em Medicina do Centro de Ciência da Saúde da Universidade Estadual de Nova York no Brooklyn. Mora em Washington, onde vive com sua esposa, que é advogada, e com um casal de filhos. O garoto, atualmente (1998) com 12 anos de idade, chama-se Jarret e tem, agora, a incumbência de continuar a dinastia dos Moreno.

daria continuidade à nova dinastia criada por J. L. Moreno. A comunicação entre pais e filho, na sua maior parte, ocorria como em qualquer outra família. No entanto, através de *role-playings* e inversões de papel (técnicas, reconhecidamente, psicodramáticas) os Moreno procuravam diversão e conhecimento. J. L. Moreno nos conta:

“As experiências feitas por Jonathan e por nós mesmos eram por “puro divertimento”. Esperávamos que o psicodrama tornasse nossa vida em família mais rica e mais feliz; e assim o fez. Depois, esperávamos também aprender quais os métodos utilizados espontaneamente pela criança para se socializar e como poderíamos ajudá-la nesse difícil empreendimento.” (MORENO, Z., 1975: 57).

Um dos exemplos mais fascinantes deste estilo de criação foi a oficina dirigida por Zerka no domingo de 18 de maio de 1958 na Califórnia, por causa da perda de seu braço direito, amputado por motivo de um câncer. Quem narra esta experiência é o casal Anna e Nah Brind no artigo (transcrito à partir de uma fita gravada na época) “Psicoterapia de Grupo e Psicodrama: nota de rodapé da sua história” (GREENBERG, 1977: 97-101). É quase irresistível transcrever, aqui, o referido artigo, pois a narrativa reproduz o clima dramático vivido pelo triângulo Moreniano naquela tarde. Todavia vamos apenas resumi-lo, tentando não perder o essencial. Não fica claro, no artigo, como foi escolhida a cena a ser dramatizada naquela oficina. Simplesmente, sabe-se que foi escolhida a cena, na qual três pessoas (Zerka, Jonathan e J. L. Moreno) encontravam-se preocupadas e receosas em aceitar o fato da mutilação de um dos membros superiores de um dos seus. J. L. Moreno, o pai, diferente de como costumava atuar, perguntou à Zerka, aproveitando para explicar à

audiência sobre o ocorrido, se ela estava disposta a ver aquela situação tão ameaçadora para a vida de Jonathan. Ela respondeu afirmativamente e iniciou a dramatização com um solilóquio e uma inversão de papel com o filho. Mais adiante Zerka, já satisfeita com o trabalho dramático, fala abertamente ao público sobre suas conclusões:

“(...) descobri que não estou tão desfigurada como pensava” (GREENBERG, 1977: 100, trad. do autor).

Conta como foi tratada no hospital por um psiquiatra que parecia estar mais trans-tornado que ela e fala de como sentiu de perto a capacidade que algumas pessoas têm de sentir amor, afeto, estima... Finaliza a oficina, dizendo:

“(...)Antes da operação, sempre me via só no futuro, lutando contra o mundo sem ajuda, sustentando meu filho e a mim mesma. Agora, curiosamente, depois da operação já não me vejo só. Sinto-me mais integrada ao cosmo...” (GREENBERG, 1977: 100-101, trad. do autor).

O artigo termina com uma reflexão sobre a capacidade invejável de Zerka tentar, corajosamente, converter sua perda em um extraordinário ganho, não só para ela como também para Jonathan e todo o público.

No livro “A primeira família psicodramática” de 1964, que Zerka escreveu em parceria com o marido e filho, também podemos encontrar uma infinidade de exemplos da criação extremamente psicodramática empreendida pelo casal. Há, inclusive, desenhos da planta baixa da casa onde moravam, ilustrando como, através de um espelho, estrategicamente colocado em uma das paredes da sala, o casal podia estar sempre em contato com o pequeno Jonathan.

Em 1954, portanto quando Jonathan tinha apenas 2 anos de idade, Zerka encontrou energia para continuar seus afazeres psicodramáticos, integrando a comissão organizadora do Primeiro Congresso Internacional de psicoterapia de grupo de Toronto.

Depois de 20 anos, Zerka deparou-se com a morte de seu marido. A respeito desta época, temos algumas informações:

“Aos poucos, Moreno ficava mais e mais dependente de Zerka e a tiranizava muito. Apesar da nossa grande amizade, poucas vezes a ouvi queixar-se, e ela sempre cuidou dele com amor.” (AGUIAR, 1990: 27).

Este relato de Bustos, no brilhante livro publicado em comemoração ao centésimo ano do nascimento de J. L. Moreno, nos leva para um passado não tão distante: 1974 - a morte de J. L. Moreno. No final da sua vida, gordo demais e movimentando-se com dificuldade e lentamente, muito ao contrário do ritmo forte que seu instituto imprimia aos alunos em Beacon, somente dirigia-se à Zerka em língua alemã e, por vezes, mostrara ser o que poderia, na cultura brasileira, ser considerado como machismo:

- “Zerka, gritou, procura a revista Daimon de 1923 !”. (AGUIAR, 1990: 27).

Novamente, Bustos lembra de épocas em que esteve em Beacon, perto da época da morte de J. L. Moreno. Esta frase foi a primeira reação dele quando foi questionado, pelo próprio Bustos, sobre o mérito da primeira utilização do termo encontro; se fora dele ou de Buber.

b. Grete Leutz

Se eu fosse obrigado a escolher uma só palavra para dizer quem é Grete Leutz, a primeira que viria à minha mente seria di-

namismo. Tive o prazer de passar algumas horas em sua companhia enquanto a entrevistava para a realização deste trabalho. Horas que se alongaram em um almoço descontraído e divertido.

Tendo mantido contato extenso com ela, não posso deixar de comentar minhas impressões sobre sua pessoa. Durante todo o período que durou a 55ª Conferência Anual da Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, na qual a encontrei, fiquei tentando marcar uma hora para sentarmos, ligarmos a câmera de vídeo e realizarmos a entrevista, todavia já estava quase desistindo, pois Grete virava e revirava a programação da conferência não querendo perder nenhuma oportunidade de participar de uma palestra, vivência ou *workshop*. No último dia, entretanto, ela veio até mim e disse: “Agora sim tenho tempo. Você está disponível?”. Obviamente respondi que sim e passamos a procurar um bom lugar para gravarmos a entrevista. Tivemos que mudar de sala duas vezes por causa do ruído externo e nem por isso ela desistiu. Mostrava-se sempre disposta e bem humorada.

Contou-me várias histórias da época em que conheceu e passou a viver com Zerka, Regina e J. L. Moreno em Beacon a partir do ano de 1950. Uma delas diz respeito à sua contratação como babá de Regina.

Quero destacar o trecho do livro de Marineau, no qual ele narra exatamente este período:

“(...) Moreno também aplicou suas teorias à educação de seus filhos. Em 1950, por exemplo, contratou uma acompanhante européia, Gretel Leutz, para estar junto de Regina durante o difícil período em que a família estava se readaptando após o divórcio e ao nascimento de Jonathan. Ao providenciar para Regina uma “irmã” mais

velha, Moreno e Zerka foram capazes de redirecionar energias destrutivas para vias mais positivas e aplicar uma solução "sociométrica" a um problema de família." (MARINEAU, 1992, p.113-4).

Perguntei, durante a entrevista, se ela conhecia, na época em que foi contratada, a intenção sociométrica de J. L. Moreno e Zerka, destacada por Marineau. Ela ficou surpresa com a interpretação de Marineau e disse que concordava em parte, pois fora contratada por J. L. Moreno e Zerka para cuidar de Regina por ventura da impossibilidade de Florence continuar cuidando da filha. E, na verdade, eles nem pensavam ainda na vinda de Jonathan ao mundo.

Além de possibilitar um ganho de tempo para os recém-casados continuarem suas atividades científicas, um dos pontos mais favoráveis à contratação de Grete foi o fato dela ser alemã e, assim, poder traduzir para a Língua Inglesa alguns trabalhos de J. L. Moreno. Ela contou que ajudava não somente na tradução mas também na revisão de artigos de J. L. Moreno e Zerka. Disse que, certa feita, J. L. Moreno lhe entregou um dos artigos do livro *Psychodrama Vol. II* para que ela revisasse. Após sua revisão, ele voltou-se para Zerka e disse: "Zerka, este aqui nós temos que escrever tudo de novo."

Grete Leutz foi a responsável por levar o psicodrama para a Alemanha e contou, para isso, com o apoio do próprio J. L. Moreno que aprovou a idéia de batizar com seu nome o instituto criado por ela em seu país de origem.

c. Anne Ancelin-Schützenberger

"Anne Ancelin Schützenberger, PhD, TEP, professora de psicologia social e clínica da Universidade de Nice, é uma dos primeiros doze diretores trei-

nados por Moreno e organizadora do First International Congress of Psychodrama (1964, França). Seu manual de psicodrama foi traduzido em doze idiomas. Após ter trabalhado com esquizofrênicos, dedica-se atualmente a pacientes com câncer e AIDS, usando psicodrama e genogramas." (HOLMES, 1992: 9)

Há mais de um motivo, como veremos, para incluir Anne Ancelin-Schützenberger neste trabalho. Todavia, o que mais nos chamou a atenção foi a sugestão da própria Zerka para que eu o fizesse:

"(...) você deveria colocar a Anne Ancelin-Schützenberger na lista de mulheres como organizadora do Primeiro Congresso Internacional de Psicodrama em Paris, em 1964, no qual compareceram mais de 1.500 pessoas." (correspondência particular, 19/10/1996).

Evidentemente, sua sugestão não somente foi aceita, como também causou surpresa para este autor, porque, antes mesmo de receber a referida carta, já estava levantando dados sobre Schützenberger.

Companheira inseparável de J. L. Moreno em suas andanças pela Europa e antiga União Soviética era considerada por ele mesmo como sua intérprete oficial no "Sociometric Institute" em Paris. O acompanhou na viagem que realizaram pela antiga União Soviética, como intérprete e codiretora nas sessões que realizou, em setembro de 1959, a convite da Academia Soviética de Ciência.

Nesta viagem, J. L. Moreno foi informado que seu livro "Sociometry, Experimental Methods and the Science of Society" fora traduzido para o russo no ano anterior. Deram-lhe duas cópias e disseram que havi-

am feito milhares delas. Ficou perplexo, pois havia críticas à Marx no livro. No entanto, sua surpresa maior foi receber 3.000 dólares pelos direitos autorais, o que ele sabia não ser comum naquele país. Confessou nunca ter ganhado tanto dinheiro por um livro nem na Europa, nem na América. Como podia levar consigo somente 3% do total, distribuiu uma parte a amigos russos, para que o ajudassem a gastá-lo e Zerka depositou o restante em um banco. Usaram-no, mais tarde, em outra viagem.

Vale a pena finalizar este capítulo com uma citação de Schützenberger, que pare-

ce sintetizar o efeito que J. L. Moreno produzia em seus adeptos e contemporâneos:

“Devo muito a Leon Festinger, Margaret Mead, Gregory Bateson, Erwin Goffman, Carl Rogers, e um pouco ao grupo de Palo Alto, Ray Birdwhistell, Paul Watzlawick e Jurgen Ruesch. Mas foi talvez Moreno quem me transmitiu e permitiu desenvolver certa imaginação criadora, o desejo de ir “ao encontro do outro” e a obstinação em ajudar os que sofrem.”
(SCHÜTZENBERGER, 1997:17)

2.3 - Obras de autoria ou co-autoria das mulheres que conviveram com J. L. Moreno

Durante a realização deste trabalho, notei um número impressionante de obras escritas ou revisadas pelas colaboradoras de

J. L. Moreno. O leitor mais interessado poderá encontrar, ao final deste trabalho, uma relação destas obras.

2.4 - Quadro sinóptico com as contribuições e/ou participações das mulheres no pensamento e vida de J. L. Moreno

| FASES DA VIDA DE J. L. MORENO | MULHERES | CONTRIBUIÇÕES |
|---|--|---|
| 1889 a 1916 <i>(do nascimento aos 27 anos de J. L. Moreno)</i> | Paulina Iancu (nascimento: 04/11/1873) | <ul style="list-style-type: none"> • Estudou em colégio católico e admirava Jesus Cristo, passando estas crenças ao filho “Jacques” • Supersticiosa, consultou-se com cigana que fez a profecia de que o menino iria transformar-se em um homem muito reconhecido • J. L. Moreno era seu filho predileto |
| | Irmãos de J. L. Moreno | <ul style="list-style-type: none"> • J. L. Moreno obrigava-os a chamá-lo por “você” (princípio da filosofia do anonimato) • William sempre ajudou financeiramente. Foi seu “muso” |
| | Pia | <ul style="list-style-type: none"> • Primeira paixão • Despertou J. L. Moreno para a possibilidade de apaixonar-se por uma mulher |

continua >>

| | | |
|---|---|--|
| | Elisabeth Bergner (nascimento: aproximadamente 1895) | <ul style="list-style-type: none"> • Primeira pessoa, quando criança, a provar o poder dos jogos espontâneos como terapia • Apoiava, quando adulta e famosa, J. L. Moreno em algumas sessões do Teatro da Espontaneidade em Viena na década de 20 |
| 1917 a 1930 (dos 28 aos 41 anos de J. L. Moreno) | Anna Höllering (Bárbara) | <ul style="list-style-type: none"> • Primeiro caso de terapia de casal • Marcou a passagem do Teatro da Espontaneidade para o Teatro Terapêutico • Protagonizou várias sessões no Teatro Terapêutico • Facilitou a organização da primeira demonstração de sociodrama em 1º de abril de 1921 no Komödienhaus • Seu envolvimento com J. L. Moreno talvez tenha levado seu marido ao suicídio; um dos motivos que levaria J. L. Moreno a abandonar a Europa |
| | Marianne Lörnitzo (nascimento: aproximadamente 1869 e morte: 1984) | <ul style="list-style-type: none"> • Compartilhou com J. L. Moreno as mais profundas sensações de plenitude cósmica • Foi sua primeira grande musa, inspirando-o na elaboração do livro As Palavras do Pai • Foi a primeira ego auxiliar da história do psicodrama, ajudando J. L. Moreno a perceber, definitivamente, o caráter psicoterapêutico do que vinha empreendendo • Por ser alemã e católica e J. L. Moreno, um judeu de origem romena, surgiram conflitos étnicos que também contribuíram para ele pensar em sair da Europa |
| 1931 a 1934 (dos 42 aos 45 anos de J. L. Moreno) | Beatrice B. Beecher (nascimento: 1892 e morte: aproximadamente 1930) Primeira esposa | <ul style="list-style-type: none"> • Casou-se com ele para que ele obtivesse o visto permanente nos EUA (1928) • Escreveu junto com J. L. Moreno um trabalho chamado "Um projeto conjunto" • Ajudou-o a incluir o psicodrama no Plymouth Institute • Ajudou-o na fundação do Teatro do Improviso sediado no Canegie Hall, NY • Apresentou-o a vários educadores e terapeutas americanos |
| | Helen Hall Jennings | <ul style="list-style-type: none"> • Foi quem sistematizou todo o trabalho de pesquisa na escola para moças de Hudson e na prisão Sing-Sing • Facilitou a circulação de J. L. Moreno pelos corredores da Universidade de Colúmbia • Ajudou a difundir o psicodrama na Inglaterra da década de 70 |
| | Gertrude Franchot Tone (nascimento: aproximadamente 1875 e morte: aproximadamente 1942) | <ul style="list-style-type: none"> • Ajudava J. L. Moreno a elaborar suas idéias • Contratou uma secretária particular para ele • Doou recursos para a construção do Teatro de Beacon • Introduziu J. L. Moreno na alta sociedade americana • Precursora do feminismo liberal |

continua >>

| | | |
|--|--|--|
| <p>1935 a 1940 (dos 46 aos 51 anos de Moreno)</p> | <p>Florence Bridge (nascimento: 1912)</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Segunda esposa (1934) • Escreveram juntos a Teoria da Espontaneidade do Desenvolvimento Infantil, uma das principais bases da teoria psicodramática • Deu à J. L. Moreno sua primeira filha |
| <p>1941 a 1974 (dos 52 aos 85 anos de J. L. Moreno)</p> | <p>Celine Zerka Toeman (nascimento: 13 de junho de 1917)</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Terceira esposa (1949) • Revisou a prova americana de As Palavras do Pai • Secretariou J. L. Moreno em seus afazeres intelectuais • Foi a principal ego auxiliar de J. L. Moreno, transformando-se mais tarde em diretora de psicodrama • Conduziu todas as atividades do centro de formação em Beacon • Escreveu muitos artigos sozinha e outros em conjunto com J. L. Moreno • É responsável pela difusão do psicodrama nos EUA e no mundo • Deu à J. L. Moreno o filho que daria continuidade à sua dinastia |
| | <p>Grete Leutz</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Ajudou a criar Regina Moreno, filha de J. L. Moreno e Florence • Traduziu para a língua inglesa livros publicados originalmente em alemão • Revisou vários artigos de J. L. Moreno e Zerka • Principal responsável pela difusão do psicodrama na Alemanha • Fundou o <i>Moreno Institut</i> na Alemanha |
| | <p>Anne Ancelin-Schützenberger</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Organizou o Primeiro Congresso Internacional de Psicodrama (Paris/1964) • Intérprete de J. L. Moreno na Europa • Responsável pela difusão do psicodrama na França |

Os novos momentos criativos

3

Depois de ter abordado, no primeiro capítulo, alguns dos autores que propuseram divisões da biografia de J. L. Moreno em fases criativas e, no segundo capítulo, as contribuições das mulheres que conviveram com J. L. Moreno, é chegada a hora de propor uma nova divisão da biografia de J. L. Moreno em momentos criativos, baseando-se em seus relacionamentos afetivos.

Analisando o quadro sinóptico do capítulo 1, verificamos a tendência de todos os autores em adotar o critério cronológico para basear suas análises. Parece óbvio, portanto, que uma nova divisão da biografia de J. L. Moreno deveria partir da mesma idéia de fatos cronologicamente sucessivos.

Desta forma, seguindo o foco de atenção desta proposta, os novos momentos deveriam evidenciar o aspecto afetivo de suas realizações, tomando como base o início e término de suas relações interpessoais. Portanto, enquanto os autores do primeiro capítulo, por exemplo, indicam o ano de 1925 (emigração para os EUA) como uma data limite entre dois momentos criativos, neste trabalho, preferiu-se adotar a data de 1930, quando J. L. Moreno desliga-se emo-

cionalmente de Marianne e começa sua procura por uma nova musa nos EUA.

Além desta tendência de redefinir os limites entre os momentos criativos, pode-se notar através da leitura do quadro sinóptico do segundo capítulo como as contribuições das mulheres que conviveram com J. L. Moreno são, na maior parte, os mesmo referenciais utilizados para caracterizar as fases criativas de J. L. Moreno pelos autores do primeiro capítulo.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, os títulos dos novos momentos criativos foram escolhidos de acordo com o contra-papel predominantemente adotado por J. L. Moreno nas fases em que se relacionava com estas ou aquelas pessoas. Não cabe, aqui, uma digressão sobre a teoria de papéis criada por J. L. Moreno, mas vale a pena ressaltar a definição de papel da qual deriva a noção de contra-papel:

“O papel é uma cristalização final de todas as situações numa área especial de operações por que o indivíduo passou (por exemplo, o comedor, o pai, o piloto de avião).”(MORENO J. L., 1975:206).

Portanto, revendo as diferentes fases em que J. L. Moreno vinculou-se com diferentes pessoas, percebe-se que, no primeiro momento, ele procurou dar asas à sua onipotência juvenil e, influenciado por sua mãe, seguir suas crenças filosóficas e religiosas, oferecendo a cura para quem cruzasse seu caminho (o messias). No segundo momento, relacionou-se com Marianne, que tornou-se a razão de sua vida, e ofereceu um trata-

mento diferenciado aos seus pacientes do sexo feminino (o romântico). No terceiro, ligou-se à cientistas e realizou um casamento por conveniência (o cientista). No quarto momento, casou-se com Florence, que desejava ser uma esposa ideal (o marido). E, finalmente, no quinto momento, casou-se com Zerka, que além de esposa tornou-se sua parceira intelectual, dando rumo definitivo ao psicodrama (o gênio).

Conclusão

Temos, portanto, uma nova divisão dos momentos criativos de J. L. Moreno do ponto de vista de seus relacionamentos afetivos, chegando a 5 momentos:

- J. L. Moreno – o messias
(de 1889 a 1916 - do nascimento aos 27 anos de J. L. Moreno)
- J. L. Moreno – o romântico
(de 1917 a 1930 - dos 28 aos 41 anos de J. L. Moreno)
- J. L. Moreno – o cientista
(de 1931 a 1934 - dos 42 aos 45 anos de J. L. Moreno)
- J. L. Moreno – o marido
(de 1935 a 1940 - dos 46 aos 51 anos de Moreno)
- J. L. Moreno – o gênio
(de 1941 a 1974 - dos 52 aos 85 anos de J. L. Moreno)

Assim como comentei no início, muito ainda está por ser feito dentro deste tema. Seria muito interessante, por exemplo, escrever algo mais detalhado sobre as co-criações entre casais cientistas, utilizando J. L. Moreno e Zerka Toeman Moreno como um dos casos a serem estudados. Um aprofundamento das contribuições de Anne Ancelin-Schützenberger seria interessante para compreendermos a difusão do psicodrama pela Europa. Também é possível realizar um trabalho com todos os autores que propuseram leituras diferenciadas da biografia de J. L. Moreno, pois neste trabalho somente foi possível verificar 4 das 15 referências encontradas.

A biografia de J. L. Moreno é inegavelmente fascinante. Tenho certeza de que muitos outros trabalhos poderão, assim como este, ampliar sua leitura e compreensão.

Bibliografia consultada

- AGUIAR M. O Psicodramaturgo J. L. Moreno, 1889-1989. 1ª ed. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1990.
- ALMEIDA W. C. Moreno: Encontro existencial com as Psicoterapias. 1ª ed. São Paulo, Ágora, 1991.
- ANCELIN-SCHUTZENBERGER A. Psicodrama, o Teatro da Vida. 1ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1970.
- _____ (1997) – Meus antepassados: vínculos trans-geracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma, São Paulo, Paulus. (tradução José Maria da Costa Villar; título original em francês: Aïe, mês aïeux!: liens transgénérationnels, secrets de famille, syndrome d’anniversaire et pratique du géosociogramme)
- _____ Introducción al Psicodrama. 1ª ed. Madrid, Aguilar, 1970.
- ANZIEU D. El Psicodrama Analítico en el Niño. 1ª ed. Buenos Aires, Paidós, 1961. (Traduzido do original em francês “Le Psychodrame Analytique Chez L’enfant” por Marta Laffite e Julio Juncal)
- BARRIO J. A. E. Psicodrama: Nacimiento y Desarrollo. 1ª ed. Salamanca, Amarú Ediciones, 1995.
- BLATNER A., Acting-in: practical applications of psychodramatic methods, 2ª ed., New York, Springer Publishing Company, 1988.
- BUSTOS D. M. Psicoterapia Psicodramática, ação + palavra. 1ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1979. (Traduzido do original em espanhol “Psicoterapia psicodramatica, Acción + palabra” por Miguel Perez Navarro)
- _____ Psicoterapia Psicodramatica, Acción + Palabra. 1ª ed. Buenos Aires, Paidós, 1975.
- FANCHETTE J. Psychodrame et Théâtre Moderne. 1ª ed. Paris, Buchet/Chastel, 1971.
- FONSECA FILHO J. S. Psicodrama da Loucura: correlações entre Buber e Moreno. 3ª ed. São Paulo, Ágora, 1980.
- _____ Ainda sobre a Matriz de Identidade. Revista Brasileira de Psicodrama, Vol. IV, Fascículo 2, p. 21-34, 1996.
- GONÇALVES C. S., WOLFF J. C., ALMEIDA W. C. Lições de Psicodrama, Introdução ao Pensamento de J. L. Moreno. 1ª ed. São Paulo, Ágora, 1988.
- GREENBERG I. A. Moreno y el Psicodrama - Biografía e historia. 1ª ed. Buenos Aires, Hormé, 1977. (Traduzido do original em inglês “Psychodrama: Theory and therapy” por Daniel R. Wagner)
- _____ Psychodrama and Audience Attitude Change. 1ª ed. Beverly Hills, Thyrsus Publishing CO., 1968.
- HARE P. A. e HARE R. J. - J. L. Moreno. 1ª ed. London, SAGE Publications Ltd, “Key Figures in Counselling and Psychotherapy Series”, 1996.

- HOLMES, P. e KARP, M. - Psicodrama: inspiração e técnica. ilustrações de Ken Sprague, tradução de Eliana Araujo Nogueira do Vale, revisão técnica de Moysés Aguiar, São Paulo, Ágora, 1992.
- MARINEAU R. F. Jacob Levy Moreno: 1889-1974, Pai do Psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de Grupo. 1ª ed. São Paulo, Ágora, 1992. (Traduzido do original em inglês "Jacob Levy Moreno, 1889-1974. Father of Psychodrama, Sociometry and Group Psychotherapy" por José de Souza e Mello Werneck)
- _____ Jacob Levy Moreno: Su biografía. 1ª ed. Buenos Aires, Lumen-Hormé, 1995. (Traduzido do original em inglês "Jacob Levy Moreno 1889-1974 por María Elena Zuretti)
- MARTÍN E. G. J. L. Moreno: Psicología do Encontro. 1ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1984. (Traduzido do original em espanhol "Jacob Leví Moreno: Psicología del Encuentro" por Maria de Jesus A. Albuquerque)
- MORENO, J. L. Sociometry, Experiential Method and the Sciences of Society An approach to a New Political Orientation, Beacon House Inc., Beacon, NY., 1951.
- _____ Sociometry and The Science of Man. 1ª ed. New York, Beacon House, 1956.
- _____ Psicomusica y Sociodrama. Buenos Aires, Hormé, 1965.
- _____ Psicoterapia de grupo y psicodrama: Introducción a la teoría y la Praxis. 1ª ed. México, Fondo de Cultura Económica, 1966. (Traduzido do original em alemão "Gruppenpsychotherapie und Psychodrama: Einleitung in die Theorie und Praxis" por Armando Suárez).
- _____ Las bases de la psicoterapia. Buenos Aires, Hormé, 1967.
- _____ Psiquiatria do Século XX - Função dos universais: tempo, espaço, realidade e cosmos. Rio de Janeiro, Cepa, 1970.
- _____ Psicodrama. Buenos Aires, Hormé, 1972.
- _____ Fundamentos de la Sociometria. Buenos Aires, Paidós, 1972.
- _____ Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. São Paulo, Mestre Jou, 1974.
- _____ Psicodrama. 1ª ed. São Paulo, Cultrix, 1975. Traduzido do original em inglês "Psychodrama, vol. I" por Álvaro Cabral)
- _____ J. L. Moreno y Las Palabras del Padre. Buenos Aires, Vancu, 1976.
- _____ El Teatro de la Espontaneidad. Buenos Aires, Vancu, 1977.
- _____ As Palavras do Pai. 1ª ed. Campinas, Editorial Psy, 1992. (Traduzido do original em inglês "The Words of the Father" por José Carlos Landini e José Carlos Vitor Gomes)
- _____ Fundamentos do Psicodrama. 2ª ed. São Paulo, Summus, 1983. (Traduzido do original em inglês "Psychodrama Vol. II"
- _____ Foundations of Psychotherapy" por Maria Sílvia Mourão Neto)
- _____ Quem sobreviverá ? - Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de grupo e Sociodrama. 1ª ed. Goiânia, Dimensão, 1992. (Traduzido do original em inglês "WHO SHALL SURVIVE ? - Foundations of Sociometry, Group Psychotherapy and Sociodrama" por Alessandra Rodrigues de Faria, Denise Lopes Rodrigues e Márcia Amaral Kafuri).
- _____ J. L. Moreno: autobiografía. 1ª ed. São Paulo, Saraiva, 1997. (Traduzido do original em inglês "The Autobiography of J. L. Moreno, MD (Abridged)" por Luiz Cuschnir).
- MORENO, J. L. e ENNEIS, J. M. Hipnodrama e Psicodrama. 1ª ed. São Paulo, Summus, 1984. (Traduzido do original em inglês "Hypnodrama and Psychodrama" por Maria Sílvia Mourão Neto).
- MORENO, J. D., The autobiography of J. L. Moreno, MD (abridged), Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry, Vol. 42, Nº 1 e 2, Spring and Summer, 1989, pp. 127.
- MORENO Z. T. Psicodrama de Crianças. 1ª ed. Petrópolis, Vozes, 1975. (Traduzido dos originais em inglês "Psychodrama in the Crib and Psychodrama in a Well Baby Clinic", "A Survey of Psychodramatic Techniques", "The discovery of the Spontaneous Man" e "Psychodramatic Rules, Techniques and Adjunctive Methods" por Ephraim Ferreira Alves)
- NAFFAH NETO A. Psicodrama, Descolonizando o Imaginário. 1ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- ROJAS-BERMÚDEZ J. G. Qué es el Psicodrama. 1ª ed. Buenos Aires, Ediciones Genitor, 1966.

_____. Introdução ao Psicodrama. 3ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1980. (Traduzido do original em espanhol "Qué es el Psicodrama" por José Manoel D'Alessandro)

SHAFFER J. B. P. e GALINSKY M. D. Models of Group Therapy and Sensitivity Training. 1ª ed. New Jersey, Prentice-Hall, Inc., 1974.

Relação das obras de autoria ou co-autoria das mulheres que conviveram com J. L. Moreno

Relação de obras de autoria e co-autoria de Jennings²³

JENNINGS H. H., (1934) – Sociometric Studies, a supplement in J. L. Moreno, Who Shall Survive?.

JENNINGS H. H., (1936) - Control Study of Sociometric Assignment, Sociometric Review.

JENNINGS H. H. e MORENO J. L. (1936) – Advances in Sociometric Technique, Sociometric Review, New York State Training School for Girls, Hudson, N.Y., 1936. Now available as Sociometric Control Studies of Group and Regrouping, Sociometry Monographs, Nº 7, Beacon House, New York, 1945.

JENNINGS H. H., (1937) – Structure of Leadership – Development and Sphere of Influence., Sociometry, Vol. 1 and 2.

_____. (1938) - Sociometric Measurement of Social Configurations, Based on Deviation from Chance, Sociometry, Vol. I, Parte II; e Sociometry Monographs, Nº 3, Beacon, Beacon House, NY, 11-12.

_____. (1938) – Statistics of Social Configurations, Sociometry, I, Beacon, Beacon House, NY, 342-74.

JENNINGS H. H., MORENO, J. L. e SARGENT, J. (1940) - Time as a quantitative index of interpersonal relations, Sociometry, 3: 62-80.

JENNINGS H. H., MORENO, J. L. e STOCKTON, R. (1943) - Sociometry in the classroom, Sociometry, 6: 425-8.

JENNINGS H. H., (1943) – A Sociometric Study of emotional and Social Expansiveness, in R. G. Barker, J. S. Kounin, and H. F. Wright (eds.), Child Development. New York: Mc Graw-Hill Book Company.

JENNINGS H. H. e MORENO J. L., (1946) - Adestramento da Espontaneidade, em Psychodrama - Vol. I, Beacon, Beacon House, NY.

JENNINGS H. H., (1947) - Sociometry of Leadership, Sociometry, X, 32-49, 71-79.

JENNINGS H. H., (1948) - Sociometry in Group Relations, A Work Guide for Teachers, American Council on Education, Washington, D. C., 2ª ed., 1959.

_____. (1950) - Leadership and Isolation: A Study of Personality in Interpersonal Relations, 2ª ed., Green & CO., Longmans, Nova York. (1ª ed. em 1943).

_____. (1950) – Sociometric Grouping in Relation to Child Development and Sociodrama as Educative Process, in Calolline Tryon (ed.), Fostering Mental Health in Our Schools. Washington, D. C.: Nacional Education Association (A.S.C.D. Yearbook).

_____. e MORENO J. L., (1957) - The first book on group psychotherapy, 3ª ed., Beacon, Beacon House, 138 p.

JENNINGS H. H., (1960) - Sociometric choice process in personality and group formation, em J. L. Moreno et al (eds.) "The Sociometry Reader", Glencoe, IL., The Free Press of Glencoe, XXXIV + 773 p., bbg., apêndice, fig., esquemas: 87-112.

JENNINGS H. H., (1960) – Leadership and Sociometric Choice, em J. L. Moreno et al (eds.) "The Sociometry Reader", Glencoe, IL., The Free Press of Glencoe, XXXIV + 773 p., bbg., apêndice, fig., esquemas: 87-112.

_____, MORENO J. L., CRISWELL, J. H., KATZ, L., BLAKE, R. R., MOUTON, J. S., BONNEY, M. S., NORTHWAY, M. L., LOOMIS, C. P., PROCTER, C., TAGIURI, R. E NEHNEVAISA, J. (eds.) (1960) The Sociometry Reader, Glencoe, IL: Free Press.

JENNINGS H. H., (1960) - Sociometry of Sociodramatic Performance. In preparation.

²³ Chegaram às minhas mãos 2 artigos escritos na revista Impromptu assinados por Helen C. Jennings. Posso estar enganado, mas tudo indica que os artigos são de autoria de Helen H. Jennings, pois em 1931, data da publicação da revista, ela e J. L. Moreno já se conheciam e iniciavam uma história de admiração recíproca. Os artigos são: "Psychoanalysis and Dr. Moreno" (Vol. 1, Nº2, 1931) e "Experiments in Impromptu Analysis" (Vol. 1, Nº1, 1931).

Relação de obras de autoria e co-autoria de Florence

- MORENO F. B. (1942) - Sociometry Status in a Nursery School Group, *Sociometry*, 6, nº 4.
- _____ Sociodrama in a classroom²⁴
- MORENO F. B. e MORENO J. L. (1944) - Spontaneity Theory of Child Development, *Sociometry*, 7: 89-128.
- MORENO F. B. e MORENO J. L. (1945) - Role Tests and Role Diagrams of Children, *Sociometry*, 1: ?.

Relação de obras de autoria de Grete Leutz

- LEUTZ, G. A. (1975) - Das Psychodrama als Mittel ärztlichen Erfahrungsaustausches, *Schleswig Holsteinisches Ärzteblatt*, Vol. 8, pp. 381-385.
- _____ (1978) - Recent developments of Psychodrama in Western Europe, *Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry*, Vol. 31, pp. 168-173.
- _____ (1980) - Das Psychodramatisch-Kollegiale Bündnis, *Gruppenpsychotherapie und Gruppendynamik*, Vol. 15, pp. 176-187.
- _____ (1982) - Correspondences between the psychodramatic theory of child development and the process and therapeutic goals of psychodrama, *Psychother. Psychosom. Med. Psychol.*, Vol. 32, Nº 6, pp. 173-177.
- LEUTZ, G. A. (1983) - Widerstand und Übertragung im Psychodrama. [Resistance and transference in psychodrama]., *Psychoter. Psychosom. Med. Psychol.*, Vol. 33, Nº 2, September, pp. 93-96.
- _____ (1985) - Mettre sa vie en scène - Le Psychodrame, <<Hommes et Groupes>>, EPI-Desclée de Brouwer, Paris, pp. 175, Traduzido por Bernard Dufeu. (incluindo prefácio do prof. Didier Anzieu e posfácio da prof. A. Ancelin Schützenberger.)
- _____ (1986) - Correspondencia entre la teoría psicodramática del desarrollo del niño y los procesos y metas terapéuticas del psicodrama, *Clínica y Análisis Grupal*, Vol. 10, Nº 39, January-March, pp. 47-57.

²⁴ Enviei para Florence, em 20/09/1997, a relação de artigos de sua autoria ou de coautoria com J. L. Moreno, que eu cria estar completa. Mas ela, em carta datada em 17/10/1997, acrescentou este título, o qual ainda não sei onde e quando foi publicado.

- _____ (1986) - El psicodrama en la psiquiatría; su realidad imaginaria y su mundo auxiliar, *Clínica y Análisis Grupal*, Vol. 10, Nº 41, July-September, pp. 399-404.
- _____ (1986) - The Psychodramatic Treatment of Dreams, *Group Analysis*, Vol. 19, pp. 139-146.

Relação de obras de autoria e co-autoria de Zerka:

- TOEMAN, Z., e MORENO J. L. (1942) - The group approach in psychodrama. *Sociometry*, Vol. V, Nº 2: 191-6.
- TOEMAN, Z., (1944) - Role Analysis and Audience Structure. *Sociometry*, 1944, 7, 205-221. *Psychodrama Monographs*, Nº 12, Beacon, Beacon House, NY.
- _____ (1945) - Audience reaction to therapeutic films. *Sociometry, USA*, VIII, 4, p. 493-7.
- _____ (1945) - A sociodramatic audience test. *Group Psychotherapy, A Symposium*, J. L. Moreno (ed.) Beacon House.
- _____ (1945) - Psychodramatic research of pre-marital couples. *Sociometry, USA*, VIII, 1, p. 89.
- _____ (1946) - Clinical psychodrama: auxiliary ego, double and mirror techniques. *Sociometry*, Vol. 9, Nº 2-3, pp. 178.
- _____ E MORENO, J. L. (1947) - Psychodrama: its relation to stage, radio and motion pictures. *Sociatry, USA*, I, 1, p. 19-126.
- TOEMAN, Z. (1948) - Synthesis between a group psychotherapy session, a psychodrama and a sociodrama session. *Sociatry, USA*, II, 3-4, p. 417-8.
- _____ (1948) - The "double situation" in Psychodrama. *Sociatry, USA*, I, 4, p. 436-448. Também em *Sociatry*, 1951, 1, 436-446.
- _____ (1948) - Editorial. *Sociatry*, Vol. II, Nº 1-2.
- _____ (1948-49) - How to construct a role diagram. *Sociatry, USA*, II, 3-4, p. 407.
- _____ (1948-49) - How to give a spontaneity test. *Sociatry, USA*, II, 3-4, p. 408.
- _____ (1948-49) - How to give a role test. *Sociatry*, II, 3-4, p. 408 - 409.
- _____ (1948-49) - How to give a sociometric test. *Sociatry*, II, 3-4, p. 407.

- _____ (1948-49) - How to construct a sociogram. *Sociatry*, II, 3-4, p. 407.
- _____ (1948-49) - How to give an acquaintance test. *Sociatry*, II, 3-4, p. 407.
- _____ (1948-49) - A position or movement diagram. *Sociatry*, II, 3-4, p. 416.
- _____ (1948-49) - Projects in tests and measurements from the works of J. L. Moreno and the files of the Sociometric Institute. *Sociatry*, USA, II, 3-4, p. 407-419.
- _____ (1948-49) - An acquaintance table (Index of the volume of acquaintance of 16 individuals). *Sociatry*, II, 3-4, p. 409.
- _____ (1948-49) - An authoritative structure (seating arrangement in a dining room - sociogram). *Sociatry*, II, 3-4, p. 410.
- _____ (1948-49) - A laissez faire structure (seating arrangement in a dining room - sociogram). *Sociatry*, II, 3-4, p. 411.
- _____ (1948-49) - Sociometric structure (seating arrangement in a dining room - sociogram). *Sociatry*, II, 3-4, p. 412.
- _____ (1948-49) - Role diagrams - a marriage relation in three stages of development. *Sociatry*, II, 3-4, p. 413-14.
- _____ (1948-49) - Scheme of a spontaneity scale. *Sociatry*, II, 3-4, p. 415.
- _____ (1948-49) - Interaction diagram. *Sociatry*, II, 3-4, p. 415.
- _____ (1948-49) - Synthesis between a group psychotherapy, a psychodrama and a sociodrama session. *Sociatry*, II, 3-4, p. 417-18.
- _____ (1948-49) - Helps to students - exercise in building diagrams and reading of people. *Sociatry*, II, 3-4, p. 419.
- _____ (1949) - History of the sociometric movement in headlines. *Sociometry*, XII, 1-3, *Sociometry Monograph*, N° 23.
- MORENO Z. T. (1949) - Building diagrams of the group and the individual in Haas, R. B. ed. (1949). *Psychodrama and sociodrama in American education*, Beacon (N. Y.), Beacon House, p. 407-417 (cf. Zerka T. Moreno).
- _____ (1950) - History of the sociometric movement in Headlines, in Gurvitch, ed.: *Sociometry in France and the United States. A Symposium. Sociometry*, XII, 1-3 (1949), p. 225-259 (reed. 1950), N. Y., Beacon House.
- _____ (1951) - Psychodrama in a well-baby clinic. *Group Psychotherapy*, IV, 1-2.
- _____ (1954) - "Psychodrama in the Crib", em *Group Psychotherapy*, VII: 291-302.
- _____, MORENO J. L. e MORENO, J. D. (1955) - The Discovery of the Spontaneous Man. *Group psychotherapy*, Vol. 8 e *Sociometry*, Vol. 18., também em Moreno ed. (1956) *Sociometry and the Science of Man*, Beacon House, Beacon, NY, p. 155-182.
- MORENO Z. T. (1958) - The "reluctant therapist" and the "reluctant audience" technique in psychodrama. *Group Psychotherapy*, Vol. 11, pp. 278-282.
- MORENO Z. T. (1959) - A survey of psychodramatic techniques. *ACTA Psychotherapeutica*, Vol. 7, pp. 197-206.
- MORENO Z. T. e MORENO J. L. (1959) - *Psychodrama*, Vol. II: *Foundations of Psychotherapy*, Beacon House, Beacon, NY, 238 p., sumário.
- MORENO Z. T., MORENO J. L. e MORENO J. D. (1964) - The First Psychodramatic Family. *Group psychotherapy*, Vol. 8 e *Sociometry*, Vol. 18 e em *Psychodrama and Group Psychotherapy*, Monograph N° 40, Beacon House, Beacon, NY.
- MORENO Z. T. (1965) - Psychodramatic rules, Techniques, and adjunctive methods, *Group Psychotherapy*, 18: 73-86. (Reimpresso em J. L. Moreno com Z. T. Moreno, *Psychodrama*, Third Volume: *Action Therapy and Principles of Practice*, Beacon House, Beacon, NY: 233-8).
- MORENO Z. T., MORENO J. L., FRIEDMANN A. e BATTEGAY, R. (eds.) (1966) - *The International Handbook of Group Psychotherapy*. New York: Philosophical Library.
- MORENO Z. T. (1966) - Sociogenesis of individual and groups, in J. L. Moreno (ed.) *The International Handbook of Group Psychotherapy*, Nova York: Philosophical Library Inc.
- _____ (1969) - Moreneans. The Heretics of Yesterday are the Orthodoxy of today, em *Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry*, XXII (1-2): 1-6.
- _____ (1969) - The seminal mind of J. L. Moreno and his influence upon the presente generation, em J. L. Moreno com Z. T. Moreno, *Psychodrama*, Third Volume: *Action Therapy and Principles of Practice*, Beacon House, Beacon, NY. pp. 247-58.

- _____ e MORENO J. L. (1969) - Psychodrama, Vol. III: Action Therapy and Principles of Practice, Beacon House, Beacon, NY, 272 p., gloss.
- MORENO Z. T. (1970) - Psicodrama de bebês. Bulletin de psychologie, Paris, Sorbonne, nº 285, tomo XXIII 13-16, 286 p., julho de 1970, número especial abordando o psicodrama, preparado por A. Ancelin-Schützenberger.
- _____ (1971) - Love songs to life. N. Y., Beacon House. (reimpresso pela American Society of Psychotherapy and Psychodrama, Roanoke, Royal Publishing Company, 1993, 179 p.
- _____ e MORENO J. D. (1971) - Filodrama e Psicofilosofia. Group Psychotherapy and Psychodrama - Official Organ of the American Society of Group Psychotherapy and Psychodrama. N. Y., Beacon House.
- MORENO Z. T. (1976) - In Memoriam: J. L. Moreno, Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry, 29: 130-5.
- MORENO Z. T. e MORENO J. L., (1976) - A sociometric view of recent history: The rise and fall of leadership, Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry, Vol. 29, pp. 63-9.
- MORENO Z. T. (1978) - Psychodrama, em H. Mullan e M. Rosenbaum (eds.), Group Psychotherapy: Theory and Practice, 2nd edn. New York: Free Press.
- _____ (1978) - The function of auxiliary ego in psychodrama with special reference to psychotic patients. Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry, Vol. 31, pp. 163-166.
- _____ (1979) - Escape me never, em Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry, XXXII: 5-11.
- _____ (1983) - Psychodrama em H. I. Kaplan e B. J. Sadock (eds.), Comprehensive Group Psychotherapy, 2nd edn. Baltimore: Williams e Wilkins.
- _____ e MORENO J. D., (1985) - "The Autobiography of J. L. Moreno, M. D.", Arquivos de Moreno, Universidade de Harvard, Boston, EUA.
- MORENO Z. T. (1987) - Psychodrama, role theory and concept of the social atom, in J. L. Zeig (ed.) The Evolution of Psychotherapy, Nova York: Brunner Mazel.
- _____ (1989) - Psychodrama - Role Theory and the concept of the Social Atom, Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry, Vol. 42, Nº 3, Fall, pp. 178-87.
- _____ (1990) - In Memoriam-Jame Enneis, Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry, Vol. 43, Nº 2, Summer, pp. 91-2.
- _____ (1991) - Tempo, espaço, realidade e família: psicodrama com uma família reconstruída, em Paul Holmes e Marcia Karp (org.), Psicodrama: inspiração e técnica, São Paulo, Ágora, 1992: 77-99.

Obras traduzidas ou revisadas por Zerka

- MORENO J. L. (1941) - The words of the father, Beacon House, Beacon, NY (trad. do alemão por J. L. Moreno e revisada por Celine Zerka Toeman)
- _____ (1954) - Fondements de la Sociométrie, trad. Fr. Parc. Por H. Lesage e G. Maucorps, posfácio de G. Gurvitch, de Psychodrama I (1946), Socio-metry. Experimental Method and the Science of Society (1951), Who shall survive ? (1953), 2ª ed., Beacon House, Beacon, NY, 763 p., Paris, PUF, XXXI + 400 p., LIV pl. (Sociogramas), h. T. (Trad. 1970, revista por A. A. Schützenberger e Zerka T. Moreno).

Relação das obras de autoria e co-autoria de Schützenberger

- ANCELIN-SCHÜTZENBERGER, A. (1955) - Psychodrame en milieu professionnel. Trav. Méth., Fr., oct., p. 39-43.
- ANCELIN-SCHÜTZENBERGER, A., MOLES, A. (1955) - Sociométrie et créativité, Rev. Psychol. app., Fr., 5, nº 3, 155-80.
- ANCELIN-SCHÜTZENBERGER, A. (1956) - Sociometry in France, em Moreno, ed. (1956). Sociometry and the Science of man, Beacon House, Beacon, NY, p. 469-470.
- _____ (1959) - Aux sources du psychodrame et de la sociométrie, Rives, Fr., 9 de abril, p. 3-13.
- _____ (1960) - Introduction au psychodrame. La Saga de Moreno. Centre de Recherches en Relations Humaines, 2765 Chemin Ste. Cathérine, Montréal, Canadá, 26, 192 fs. (Curso mimeografado, out., 105 fl.).

- _____ (1963) - Aspects psychosociologiques et psychodramatiques des accidents. L'inform. Psychiatr., Fr., julho, 39, 7, p. 395 - 413.
- _____ (1963) - Dynamique des groupes et psychodrame. Une approche de l'acceptation de soi et d'autrui. Cahiers de Psychiatrie, Fr., 37, p. 23-37.
- _____ (1964) - A propos de psychodrame et de Moreno, Intern. J. Sociom. Psychiatry, USA, IV, 1-2, março-junho, p. 52-55.
- _____ e ROUQUETTE, J. (1965) - Formation du personnel psychiatrique par le psychodrame et la dynamique des groupes. Expérience institutionnelle et image idéale de soi. L'inform. Psychiatr., Fr., janeiro, 41, I, p. 17-30 (rep. em Moreno, ed. 1966, Handbook of Group Psychotherapy, Beacon House, Beacon, NY, p. 350-365 (relatório do 3º Congresso Internacional de Psicoterapia de Grupo, Milão, 1963).
- ANCELIN-SCHÜTZENBERGER, A. (1966) - Précis de Psychodrame (introdução aos aspectos técnicos), Editions Universitaires, Paris, 261 p., gloss., hist., bbg. (Reed., rev., aum. Com bbg., 280 p., 1970. Trad. Espanhola (Introducción al Psicodrama, Aguilar, Madrid, 1970) e brasileira (Psicodrama, o teatro da vida, Duas Cidades, São Paulo, 1970); trad. Tcheca (no prelo), italiana e japonesa em preparo.
- _____ (1967) - Psychothérapies brèves et psychodrame. Inform. Psychiatr., Fr., 43, 8, p. 713-738.
- _____ (1970) - Vocabulaire des techniques de groupe: formation, psychothérapie, dynamique des groupes et psychodrame, Paris, Epi, 192 p.
- _____ (1970) - Précis de psychodrame (revised ed.). Paris: Editions Universitaires.
- _____ (1970) - Bulletin de psychologie, Paris, Sorbonne, nº 285, tomo XXIII 13-16, 286 p., julho de 1970, número especial abordando o psicodrama, preparado por A. Ancelin-Schützenberger. Também A. Ancelin-Schützenberger colabora com 3 artigos: Introdução ao(s) Psicodrama(s), Apresentação do Psicodrama e Bibliografia sobre o Psicodrama.
- _____ (1970) - Introducción al Psicodrama en sus aspectos técnicos, Aguilar, Madrid, pp. 242.
- _____ (1971) - La Sociometrie, Paris: Éditions Universitaires.
- _____ (1972) - L'observation dans les groupes de formation et de thérapie, 2ª ed., E.P.I., Paris, pp. 203.
- _____ (1974) - Diccionario de técnicas de Grupo-Formación, Psicoterapia, Dinámica de Grupos y Psicodrama, Conocer al hombre, Sociedad de Educación Atenas-Sígueme, Salamanca, pp. 259, Traduzido da versão original de 1971 por Annick Vert.
- _____ (1975) - Introduction to role playing: Sociodrama, psychodrama, and their application to social work, everyday life, education and psychotherapy. Toulouse, France: Edouard Privat. (In French - original title: Introduction au jeu de rôle)
- _____ e WEIL, P., (1977) - Psicodrama triádico. Belo Horizonte, Interlivros.
- ANCELIN-SCHÜTZENBERGER, A. (1979) - Introducción al "rôle-playing" - El Sociodrama, el psicodrama y sus aplicaciones en asistencia social, en las empresas, en la educación y en psicoterapia, "Biblioteca Marova de estudios del hombre", Nº 41, Marova, Madrid, pp. 134, Traduzido da versão original de 1975 por Pedro R. Santidrián. (1980) Le Jeu de Rôle, Paris: E. S. F.
- _____ e SAURET, M. J., (1980) - Nuevas Terapias de Grupo, "Neurociencia", Pirámide, Madrid, pp. 303, Traduzido da versão original de 1977 intitulada "Le Corps et le Groupe" por Juan Sánchez Fernández.
- ANCELIN-SCHÜTZENBERGER, A. (1985) - 2ª ed. revista, completa, 1987, Vouloir Guérir, Toulouse: Eres, Paris: La Meridienne.
- _____ (1985) - Posfácio em Grete Leutz, Mettre sa Vie en Scène: le Psychodrame, Paris, EPI.
- _____ (1989) - Introduction à la Psycho-thérapie Transgénérationnelle, La psycho-généalogie.

_____ (1991) - O drama do paciente gravemente enfermo: quinze anos de experiência com psicodrama e câncer, em Paul Holmes e Marcia Karp (org.), *Psicodrama: inspiração e técnica*, São Paulo, Ágora, 1992: 237-260.

_____ (1997) - Meus antepassados: vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma, São Paulo, Paulus. (tradução José Maria da Costa Villar; título original em francês: *Aie, mês aieux! liens transgénérationnels, secrets de famille, syndrome d'anniversaire et pratique du génosociogramme*)

Obras traduzidas ou revisadas por Schützenberger

MORENO J. L. (1914) - *Einladung zu einer Begegnung* (Convite a um Encontro), Viena, *Gericht Psychodrama*, Georg Thieme Verlag, Stuttgart, p. 13, trad. Fr. de J. Rouanet e A. Schützenberger (1965) - *Psychothérapie de groupe et Psychodrame*, Paris, Puf, XII + 469 p., p. 128 e 203s.

_____ (1953) - *Who shall survive ? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama*. Prefácio de W. A. White, Beacon House, CXIV + 763 p., gloss., índice de matérias, índice de nomes, I. H. T., 1ª ed.

_____ (1934) - *Who shall survive ? A new approach to the problem of human interrelations*, prefácio de W. A. White, Washington, D. C. *Nervous and mental diseases publ.*, Monogr. N° 58, 437 p., trad. Fr. Parc. Por H. Lesage e G. Maucorps (1954), rev. por A. Schützenberger (1970) - *Fondements de la Sociométrie*, Paris, PUF, XXXI + 400 p., bbg., índice.

_____ (1954) - *Fondements de la Sociométrie*, trad. Fr. Parc. Por H. Lesage e G. Maucorps, posfácio de G. Gurvitch, de *Psychodrama I* (1946), *Sociometry. Experimental Method and the Science of Society* (1951), *Who shall survive ?* (1953), 2ª ed., Beacon House, Beacon, NY, 763 p., Paris, PUF, XXXI + 400 p., LIV pl. (Sociogramas), h. T. (Trad. 1970, revista por A. A. Schützenberger e Zerka T. Moreno).

_____ (1959) - *Gruppenpsychotherapie und Psychodrama. Einleitung in die Theorie und Praxis*. Stuttgart, Georg Thieme Verlag. XVI + 327 p., trad. Fr. Por J. Rouanet-Dellenbach e A. A.-Schützenberger e rev. por A. A.-Schützenberger

_____ (1965), *Psychothérapie de groupe et Psychodrame*, Paris, PUF, XII + 469 p., 2 fotos em PB, bbg., histor. (Coletânea dos textos essenciais de Moreno e observações clínicas de psicodrama de adultos normais, enfermos e crianças).

_____ (1965) - *Psychothérapie de groupe et psychidrame. Introdução teórica e clínica à socioanálise*, trad. Do alemão por Jacqueline Rousnet-Dellenbach, trad. Do inglês e rev. por Anne Ancelin-Schützenberger, Paris, PUF, *Bibliothèque de Psychiatrie*, 470 p., bbg., ind.; ed. Alemã *Gruppen Psychotherapie und Psychodrama*; ed. espanhola.